



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

MULHERES NA CIÊNCIA: UMA ANÁLISE DE CASOS DA
REPRESENTAÇÃO DE CIENTISTAS NA MÍDIA

Valentina dos Santos Leite

Rio de Janeiro

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**MULHERES NA CIÊNCIA: UMA ANÁLISE DE CASOS DA
REPRESENTAÇÃO DE CIENTISTAS NA MÍDIA**

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do diploma em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Valentina dos Santos Leite

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marialva Carlos Barbosa

Rio de Janeiro

2018

Leite, Valentina dos Santos

Mulheres na ciência: uma análise de casos da representação de cientistas na mídia. / Valentina dos Santos Leite. - Rio de Janeiro, 2018.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social, Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2018.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa

1. Mulher. 2. Ciência. 3. Mídia. 4. Representação. I. Barbosa, Marialva Carlos. II. Mulheres na ciência: uma análise de casos da representação de cientistas na mídia.

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mulheres na ciência: uma análise de casos da representação de cientistas na mídia**, elaborada por Valentina dos Santos Leite.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra Marialva Carlos Barbosa

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF

Departamento de História – UFF

Co-orientadora: Alice Carvalho de Melo

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profa. Dra Ana Paula Goulart Ribeiro

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Mra Fernanda Melo da Escóssia

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2018

*todas nós seguimos em frente quando
percebemos como são fortes
e admiráveis as mulheres
à nossa volta
- Rupi Kaur*

Agradecimentos

À minha avó Juraci, que segue no aguardo de me ver sentada ao lado do William Bonner.
À minha avó Joana, mulher forte, doce e dedicada sempre.

Ao meu avô Irineu, que – de algum lugar – assiste, orgulhoso, sua primeira neta a se formar na universidade pública. Vô, não foi medicina, mas sei que você está feliz.

À minha mãe Sheila, a primeira cientista que conheci: formada em engenharia elétrica, única mulher de sua turma. Hoje com duas graduações, um mestrado e uma pós em psicologia, ela continua na sua incessante busca pelo aprendizado, dando banho de inspiração, enquanto estuda a mente humana e o espiritismo.

Ao meu pai Wilmar, que me proporcionou a incrível oportunidade de escolher ser quem eu quisesse. Quando terminei o ensino médio, ele falou “filha, se precisar a gente aperta, dá um jeitinho e paga a universidade que for, ok? Você que sabe”. Olha eu aqui, pai! Dei uma economizada boa, né?

À minha irmã Carolina, parceira de todas as horas, musa inspiradora desde 1995 e, agora, oficialmente, colega de profissão.

A todos os meus amigos do Bretanha, Ana Lectícia, Clara, Rebecca, Thaisa, Nathalia, Fabio, Breno e Diogo. Sem a companhia, os cuidados, o incentivo e as cervejas no mexicano este trabalho definitivamente não seria possível.

Aos amigos que fiz na Escola de Comunicação, Larissa, Nathália, Carolina, Camille, Henrique, Guilherme e toda a EC2. Cada cantinho ou “interno” da faculdade em que estive com vocês valeu a pena. Agora o mundo é todo nosso!

À universidade, pelos anos (transformadores) de aprendizado. Ingressei uma Valentina e saio, definitivamente, a melhor versão dela. Obrigada, UFRJ. Este trabalho é a tentativa de um agradecimento à altura.

À minha orientadora Marialva Barbosa, que tem a minha admiração, pela parceria que se iniciou com a monitoria e foi firmada aqui.

À minha co-orientadora Alice Melo, pela paciência, empatia sem tamanho e dedicação para construir este trabalho junto comigo.

A todas as cientistas da história, que romperam as barreiras do patriarcado e acreditaram nelas mesmas, provando o poder e a capacidade da voz de uma mulher.

LEITE, Valentina dos Santos, **Mulheres na ciência: uma análise de casos da representação de cientistas na mídia**. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RESUMO

Quase metade da produção científica no Brasil é feita por mulheres. Esse dado, divulgado pela editora científica Elsevier, repercutiu em diversos veículos da imprensa brasileira. O aumento da presença feminina na ciência já é uma realidade: elas ocupam capas, manchetes, destaques, notícias de jornais, de revistas e da internet. Mas o que esses produtos midiáticos têm a dizer sobre elas? Através da análise de dois casos de cientistas brasileiras que ficaram em evidência nos últimos anos, este trabalho pretende avaliar de que forma essas mulheres ganharam espaço na mídia. Para isso, foram selecionadas reportagens sobre elas publicadas nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. A partir dessas análises, há a possibilidade de pensar a mulher cientista como uma imagem, de certa forma, também construída pela imprensa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. UMA HISTÓRIA DAS MULHERES CIENTISTAS	6
2.1. Mais mulheres na ciência	6
2.2. Destaques do Brasil e do mundo	10
2.3. Elas chegaram na universidade.....	12
3. MÍDIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA	16
3.1. A imprensa e o seu papel.....	16
3.1.1. Mulher, imprensa e ciência.....	18
3.2. O caso Suzana Herculano	20
3.3. O caso Joana D’Arc Félix.....	31
4. CONCLUSÃO	40
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

“Brasileira vai chefiar publicação que Carl Sagan liderou por 12 anos”¹; “Nísia Trindade é a primeira mulher a assumir a presidência da Fiocruz”²; “Acreana ganha prêmio internacional por pesquisa sobre câncer”³; “Brasileira ganha prêmio da Real Sociedade de Química no Reino Unido”⁴; “Escola de Engenharia da UFRJ elege primeira diretora mulher em 225 anos de história”⁵; “Brasileira ganha prêmio internacional que incentiva mulheres cientistas”⁶.

Notícias como essas, retiradas de sites e portais de notícias online, são manchetes cada vez mais comuns no Brasil. É crescente o número de pesquisadoras, docentes e outras mulheres que seguem carreiras voltadas à produção de ciência, tecnologia, saúde e educação, e que ocupam lugares de destaque na sociedade. Um estudo⁷ recente da editora científica Elsevier⁸ concluiu que o Brasil é líder mundial em paridade de gênero na publicação de artigos científicos. Neste momento, mulheres e homens dividem a produção de ciência no Brasil. Ou seja: as mulheres chegaram na ciência – e isso significa grande conquista.

Há menos de 200 anos, salvo em algumas exceções, as normas sociais ditavam que uma mulher não poderia nem mesmo sonhar em ser cientista. Os postos de inventor ou descobridor eram ocupados majoritariamente por homens, que parecem ter levado, durante séculos, a maioria dos créditos pela produção do conhecimento humano. Principalmente antes das conquistas feministas nos anos 1960, a sociedade brasileira esperava das meninas que fossem boas moças, esposas, mães e donas de casa.

Essa ideia pode ser ilustrada em jornais da época, como o “Jornal das Moças”, que era impresso no Rio de Janeiro e circulava no Brasil entre os anos de 1914 e 1965. Como mostram os estudos de Bassanezi (1993), estudiosa da representação de mulheres

¹Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/brasileira-vai-chefiar-publicacao-que-carl-sagan-liderou-por-12-anos/>>. Acesso em: 23/04/2018.

²Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nisia-trindade-e-a-primeira-mulher-a-assumir-presidencia-da-fiocruz/>. Acesso em: 08/05/2018.

³Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/03/acreana-ganha-premio-internacional-por-pesquisa-sobre-cancer.html>>. Acesso em: 23/04/2018.

⁴Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/brasileira-ganha-premio-da-real-sociedade-de-quimica-no-reino-unido-22605684>>. Acesso em: 23/04/2018.

⁵Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/escola-de-engenharia-da-ufRJ-elege-primeira-diretora-mulher-em-225-anos-de-historia-22537215>>. Acesso em: 08/05/2018.

⁶Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/03/brasileira-ganha-premio-internacional-que-incentiva-mulheres-cientistas.html>>. Acesso em: 23/04/2018.

⁷Disponível em: <https://www.elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf>. Acesso em: 18/05/2018.

⁸Editora/empresa de conteúdos em ciência e saúde.

na imprensa, a publicação pregava que as mulheres deveriam viver dentro dos limites da moral e dos bons costumes e estar sempre de acordo com o bom senso. Elas deveriam ser a favor da família estável, pois a prioridade da vida feminina era, sobretudo, cuidar do lar.

Como foi visto com esse exemplo, podemos usar os jornais de forma a entender contextos sociais específicos. Tendo isso em mente, é possível destacar determinados exemplos que reiteram a ideia de que a mulher foi representada de várias formas em publicações ao longo das décadas e ainda é nos dias de hoje. Isso ocorre já que os ideais de modernidade e os papéis a que elas deveriam se submeter se transformam no tempo.

Ao tratarmos de meios de comunicação, mais especificamente dos jornalísticos, é importante lembrar que eles se configuraram como um espaço legitimado de representação do real, já que tentam se aproximar da realidade, ou daquilo que percebem como sendo real. De acordo com Hernandez (2006), que estuda a análise de produtos jornalísticos, é preciso pensar a realidade como algo complexo.

Isso porque muitas vezes os jornais são vistos como meios que narram uma verdade plena, quando sua forma de narrar é apenas uma interpretação. Não existe uma única verdade: só há acesso ao “real” por via dos discursos, da linguagem, de uma visão de mundo transmitida por esses meios, mas que guardam em si a mentalidade de quem produz o discurso. Dessa forma, é preciso olhar para a imprensa como um espaço privilegiado para a construção de memórias sociais no cenário contemporâneo, como indica Enne (2004), autora que estuda as múltiplas representações da imprensa. É o que farei neste trabalho.

Para além da imprensa, no Brasil o resultado das conquistas de novos espaços pelas mulheres eclode com os movimentos feministas, que questionam a posição da mulher na sociedade. É a segunda onda do feminismo, nos anos 60, que se propõe a ir além da luta por igualdade jurídica de direitos – é o que mostra o texto de Costa e Sardenberg (2008), que trata da história do feminismo em terras brasileiras. Esse é um movimento que questiona o papel da mulher na família, no trabalho e na sociedade, luta por uma transformação nas relações humanas e pela extinção das relações baseadas na discriminação social.

Relembrar as conquistas políticas e sociais das mulheres é, também, falar sobre a chegada das mulheres na ciência. Não por acaso, a crítica à ciência tem figurado, há um tempo, como um dos principais pontos de agendas feministas (SARDENBERG, 2002). De acordo com a autora, que fala sobre feminismo na ciência, no mundo científico há

uma crítica, instrumentada por um olhar desconstrucionista de gênero, que tem avançado da mera denúncia da exclusão e invisibilidade das mulheres inseridas nesse contexto: há um questionamento dos próprios pressupostos básicos da ciência moderna, que revela que ela não é nem nunca foi neutra. Ao contrário, ela sempre foi, em sua origem, “androcêntrica” (protagonizada por homens). E é por isso que precisamos falar de mulheres na ciência.

Com esse intuito, e retomando a importância de usar produtos da mídia para estudar contextos sociais específicos, é possível vislumbrar de jornais, revistas e outros produtos da mídia que têm tratado cada vez mais do protagonismo das mulheres cientistas. Elas ocupam capas, manchetes, destaques, notícias (como as mostradas inicialmente neste trabalho) e não param por aí.

Uma notícia⁹ publicada há dois anos, na revista Galileu, anunciou que metade dos integrantes de uma equipe da NASA, que pode ir a Marte, era composta por mulheres. Segundo dados da reportagem, tal acontecimento foi inédito em toda a história. É possível fazer um paralelo com o filme “Estrelas Além do Tempo”¹⁰, lançado no Brasil em 2017, que é uma produção hollywoodiana sobre a história real de cientistas negras que trabalharam na NASA. Travando uma batalha contra o preconceito, as incríveis protagonistas foram pioneiras em áreas nunca antes exploradas por mulheres (principalmente as negras) durante a corrida espacial entre Estados Unidos e Rússia. Ao ler a notícia da Galileu, na mesma hora, me lembrei do filme e tive certeza da importância de se pensar esse tema hoje.

Outro motivo que me levou a escolha dessa temática foram minhas experiências durante um ano de estágio na revista Ciência Hoje, entre 2014 e 2015. Lá, entrevistei pesquisadoras de diferentes lugares do Brasil, que me falaram a respeito de seus trabalhos e conquistas na ciência. Sempre guardei imensa admiração por todas elas. Hoje trabalho na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e continuo as experiências de lidar com cientistas brasileiras. Nesses lugares, e também na universidade, me deparei com questões muito específicas enfrentadas na profissão dessas mulheres: dupla (ou tripla) jornada, salários menores, dificuldades em serem citadas em artigos, menos oportunidades de ocupar cargos de liderança do que os homens e machismo na academia. Reconheci, como estudante de jornalismo, a necessidade de tratar do assunto. Passei a questionar: o que

⁹Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/01/metade-da-nova-equipe-de-astronautas-da-nasa-e-formada-por-mulheres.html>>. Acesso em: 01/05/2018.

¹⁰O título original do filme, em inglês, é *Hidden Figures*.

significa ser mulher e cientista no Brasil? Será que a mídia está falando sobre elas? Se sim, o que tem a dizer?

Este trabalho parte dessas perguntas para analisar o caso de duas cientistas brasileiras que ficaram em evidência recentemente na imprensa, buscando entender de que formas a imagem dessas mulheres é representada em determinados produtos midiáticos. Os casos escolhidos foram a neurocientista Suzana Herculano, do Rio de Janeiro, respeitada cientista e divulgadora da ciência que ficou em destaque por ter sido uma porta-voz da saída de pesquisadores brasileiros do país, e a química Joana D’Arc Féliz, de São Paulo, que acumula dezenas de prêmios em sua carreira e é frequentemente destacada pela mídia por suas origens humildes e trajetória de vida.

De alguma maneira, elas chamaram a atenção de jornais, revistas e portais na internet, colocando em evidência seu trabalho nesse universo que, durante muito tempo, foi dominado pelos homens. Essas mulheres extrapolaram as seções dos jornais especializadas em ciência, o que me levou a fazer uma pesquisa maior sobre elas, mergulhar na mídia tradicional para perceber desde quando eram noticiadas. A forma como elas ganharam esse espaço é digna de análise: é preciso avaliar como foram representadas e o que isso pode dizer sobre a realidade das mulheres cientistas.

Como farei isso? Primeiro, escolhi como veículos os jornais O Globo e a Folha de S. Paulo, devido à sua relevância no cenário brasileiro, pois circulam em território nacional e estão entre os jornais mais lidos do país, de acordo com a Associação Nacional de Jornais¹¹. Para mapear a forma, a periodicidade e o que exatamente era dito sobre essas cientistas, fiz um levantamento reunido em uma tabela, que cursava o conteúdo de 42 notícias tendo como personagens essas mulheres cientistas (sendo 40 reportagens e duas capas), encontradas nos acervos ou nos portais online desses jornais.

Nas páginas que se seguem, 12 dentre as 40 reportagens que selecionei inicialmente ganham destaque. Ao interpretá-las, mostrarei alguns pontos que se diferem entre elas. Como veremos no primeiro capítulo, a cientista Suzana Herculano é noticiada inicialmente em seções dos jornais voltados para mulheres ou à saúde feminina. Sua presença aumenta, principalmente na Folha de S. Paulo, quando parece ser usada como referência de especialista na área de neurociência – ela vira colunista do jornal. Mas o destaque surge quando ela anuncia a sua saída do país por falta de financiamento do governo a seu laboratório na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹¹Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 11/06/2018.

Já no segundo capítulo, será abordado o caso de Joana D’Arc Félix, química paulista vencedora de diversos prêmios em sua carreira, inclusive o prêmio Faz Diferença¹², do jornal O Globo. Ela aparece pela primeira vez, nos jornais analisados, quando recebe o prêmio, em sua edição de 2017. Como veremos, seu caso parece se diferir dos outros em diversas questões. Joana é mulher negra, de origem pobre, e isso parece ser determinante na forma como esses jornais narram seu trabalho e sua trajetória: essas características são engrenadas nas reportagens sobre ela como elementos de uma história de superação, cuja protagonista é uma vencedora.

Como veremos adiante, a ideia é pensar as mulheres cientistas para além de suas representações na imprensa. Elas traçaram um histórico de conquista de espaços, tanto na ciência quanto em outros lugares ligados à produção do conhecimento, criando uma trajetória que deixou sua marca na história da humanidade.

¹²Disponível em: <<http://eventos.oglobo.globo.com/faz-diferenca-2017/2017/>>. Acesso em: 13/05/2018.

2. UMA HISTÓRIA DAS MULHERES CIENTISTAS

Cientistas. Pesquisadoras. Professoras. Mulheres. A trajetória das mulheres na ciência parece vir acompanhada da luta política para o pleno reconhecimento da produção científica e da prática docente por pessoas de ambos os sexos. Hoje estudiosas de todas as áreas das ciências (exatas, biológicas, humanas e sociais), no Brasil e no resto do mundo, elas enfrentaram – e ainda parecem enfrentar – obstáculos particulares para a conquista da igualdade de gênero em suas carreiras.

2.1. Mais mulheres na ciência

É quase impossível falar de uma história das mulheres cientistas sem citar o feminismo. De muitas maneiras, o movimento das mulheres das décadas de 1970 e 80 mudou o mundo (KELLER, 2004). Como destaca a autora, que estuda o impacto do feminismo em questões da ciência, certamente o feminismo modifica a percepção das mulheres e da discussão de gênero em boa parte do mundo ocidental. Indo além, ele muda a condição e a posição social feminina e, por isso, modifica de forma profunda a posição das mulheres na ciência.

Graças à segunda onda feminista, que chega ao Brasil em meados dos anos 60, o lugar das mulheres é questionado no âmbito de toda a sociedade. Esse é o momento de repensar a função da mulher dentro da família, do trabalho e das relações sociais, e gerar luta por uma transformação nas relações humanas e pela extinção das relações baseadas na discriminação social, segundo Costa e Sardenberg (2008). A possibilidade de escolher a carreira profissional desejada é finalmente colocada em pauta. Antes desse momento, elas tinham pouco espaço para trabalhar, pouca verba, quase nenhum reconhecimento (IGNOTOFSKY, 2017), como observa a autora do livro “As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo”.

Não por acaso, uma espécie de crítica voltada à ciência tem figurado, há um tempo, como um dos principais pontos nas agendas feministas. De acordo com Sardenberg (2002), instrumentada por um olhar desconstrucionista de gênero, a crítica feminista tem avançado da mera denúncia da exclusão e invisibilidade das mulheres no mundo da ciência para o questionamento dos próprios pressupostos básicos da ciência moderna, virando-a de cabeça para baixo ao revelar que ela não é nem nunca foi “neutra”. Isto é, a ciência sempre parece ter vindo acompanhada de conquistas, marcos e descobertas masculinas, em detrimento do reconhecimento da mulher.

A ciência, ao que parece, não é assexuada; ela é um homem, um pai, e infectada, também. (WOOLF apud SARDENBERG, 2002, p.1).

De certa forma, muitas autoras – que não necessariamente se denominaram feministas – vêm estudando e mapeando campos de pesquisa sobre mulheres na ciência, reconhecendo a importância do tema. Questionamentos como a existência de aspectos de gênero nos métodos adotados pela ciência ou características femininas que limitariam (ou facilitariam) a aptidão para atividades científicas são comuns de serem encontrados na literatura. Expandindo essas perguntas, existiria um estilo feminino de fazer ciência? Seria possível falar em “ciência feminista”? (CITELI, 2000). Para a pesquisadora, que mapeia estudos sobre mulheres na ciência, com o passar do tempo, estudiosas parecem tentar deduzir como gênero e ciência devem se conectar.

Diversas acadêmicas interessadas no tema publicaram seus artigos em revistas específicas de suas áreas disciplinares. Em 1978, segundo a própria autora faz questão de destacar, Fox Keller publicou o primeiro artigo trazendo no título a expressão gênero e ciência. Ao mesmo tempo, acadêmicas atuantes em diferentes campos disciplinares, no âmbito das ciências e das humanidades, ofereciam cursos e promoviam a alteração de currículos, procurando incluir mais informações sobre as mulheres e buscando atrair mulheres para as carreiras científicas e para os estudos das ciências. (CITELI, 2000, p. 46).

Para Lopes (1998), que fez um artigo de revisão sobre gênero e ciência, falar da invisibilidade das mulheres cientistas iria além de uma questão apenas de feminismo. Ela culpa, também, o certo atraso brasileiro em relação à própria ciência e à existência de instituições dedicadas a atividades de pesquisa e conhecimento científico. Segundo a autora, “se no Brasil não se fez ciência - entenda-se, se os homens não fizeram ciência -, que dizer das mulheres, cujo acesso ao ensino superior, por exemplo, só foi permitido exatamente a partir de 1879” (LOPES, 1998, p.365). Ou seja, apenas com a chegada da universidade no país e com o acesso tardio das mulheres a essa instituição, que foi possível tratar do tema.

Durante as histórias das mulheres na ciência, houve muitas conquistas, que permitiram que pesquisadoras ocupassem cada vez mais lugares na linha de resultados. Grande parte das mudanças de cenário que já observamos resultou de pressão política direta exercida por grupos de mulheres (KELLER, 2004), especialmente talvez por organizações de mulheres cientistas nas associações profissionais.

É justo dizer que essa mudança, pelo menos, foi resultado de ação política. Minha pergunta aqui é: podemos dizer mais? Mudamos a ciência, como eu esperava no começo? Quero fazer a afirmação provocadora de que há algumas maneiras em que mudamos a ciência, mesmo que, uma vez mais, não exatamente da maneira ampla que algumas de nós imaginávamos. (KELLER, 2004, p.17).

Dito isso, a paridade de gênero parece ser uma realidade em alguns contextos. Por exemplo, homens e mulheres se equiparam na produção de artigos científicos no Brasil, segundo dados de um estudo¹³ recente da editora científica Elsevier¹⁴. Dentre os doze países usados na pesquisa (Brasil, Estados Unidos, Chile, México, Portugal, Reino Unido, França, União Européia, Dinamarca, Canadá, Austrália e Japão), o Brasil se destaca como o país que mais evoluiu no caminho para a igualdade de gênero. A proporção de mulheres que publicam artigos científicos cresceu 11% nos últimos 20 anos. Elas já publicam 49% dos artigos que saem em revistas especializadas e científicas, entre 2011 e 2015. No período de 1996 a 2000, a proporção era de 38% de mulheres para 62% de homens.

O estudo também faz uma comparação com Portugal, que tem a mesma marca de porcentagem de artigos publicados que o Brasil. Nesse caso, as cientistas brasileiras se destacam ainda mais nos resultados da pesquisa. Isso porque, enquanto as pesquisadoras portuguesas assinaram 27.561 artigos, também entre 2011 e 2015, as brasileiras foram autoras de 153.967 artigos (quase seis vezes mais), no mesmo período. A pior marca é do Japão, que tem apenas 20% de artigos científicos publicados por mulheres, seguido do México e do Chile, ambos com 38%.

Apesar dos dados positivos para o Brasil, as maiores barreiras apresentadas para as mulheres com relação à carreira de cientista parecem estar, no geral, mais ligadas à ascensão profissional. Como observado por Olinto (2011), que traz dados sobre a inclusão de mulheres nessa profissão, o fenômeno do teto de vidro – que é definido como o aspecto vertical da segregação das mulheres em ambientes de trabalho –, surge de diversas maneiras no ambiente científico. As docentes mulheres aparentemente encontram mais barreiras que os homens para acumular capital científico e avançar em suas carreiras (LETA apud OLINTO, 2011, p.71). Parece haver, também, uma distribuição desproporcional entre os sexos nas tarefas de docente e de orientação acadêmica na universidade, especialmente da graduação, o que já dificulta suas chances de se dedicar à pesquisa.

Outro ponto importante, levantado por Olinto, diz respeito à necessidade que as cientistas têm de apresentar mais credenciais para obter um mesmo benefício. Mesmo que ele seja de uma promoção, de uma bolsa de pesquisa ou outro tipo de vantagem

¹³Disponível em:

<https://www.elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf>. Acesso em 18/05/2018.

¹⁴Disponível em: <<https://www.elsevier.com.br/>>. Acesso em: 18/06/2018.

acadêmica, pesquisadoras e docentes parecem enfrentar uma quantidade maior de processos burocráticos. Tal necessidade se faz notar, por exemplo, em situações em que as mulheres são submetidas a avaliações pelos seus pares. Portanto, há indícios de que, através de mecanismos sutis no ambiente científico, criam-se vários tipos de barreiras para a progressão profissional das mulheres.

O distanciamento entre os homens e as mulheres na ciência é um processo que envolve diversos tipos de ganhos que beneficiam o sexo masculino. Dentre eles, estão a promoção a cargos maiores, a obtenção de bolsas de estudo, a ocupação de cargos de chefia ou liderança, assim como os ganhos salariais. (OLINTO, 2011, p.71).

No que tange os cargos de pesquisa, a presença feminina parece tender a diminuir à medida que se avança nos postos acadêmicos. O fenômeno que se refere às chances remotas que as mulheres têm de ascender profissionalmente, de assumir maiores responsabilidades e ganhar reconhecimento e também de obter qualificações mais especializadas foi denominado, por Margaret Rossiter, na década de 1980, de segregação hierárquica (SCHIENBINGER apud LETA, 2001, p.279). Na prática, esse fenômeno pode ser observado nos dados do censo¹⁵ de 2016 do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Ao avaliar o número total de pesquisadores cadastrados no ano de 2016, observa-se que 50% eram homens e 50% mulheres, o que significa uma paridade na quantidade de cientistas brasileiros ativos na plataforma do CNPq. Porém, é na distribuição percentual dos pesquisadores segundo a condição de liderança que mora a questão: a porcentagem de líderes homens, em 2014, era de 54%, enquanto de mulheres era de 46%.

Com esses resultados, foi possível constatar um crescimento no número de homens e uma diminuição no número de mulheres em relação ao censo de 1995, que era de, respectivamente, 61% e 39%. Mas, ao falar de cargos de liderança, as mulheres ainda estavam atrás (apesar de um avanço comparativo a 1995, que a proporção era de 66% para 34%).

Dados como esses mostram que, apesar dos desafios que ainda esperam as mulheres inseridas nesse contexto, há vitórias no caminho. Nesse sentido, é importante realçar perfis de cientistas que tiveram notoriedade em suas produções ao longo do tempo

¹⁵Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/>>. Acesso em 18/05/2018.

e que deixaram seus nomes como legados de uma ciência feita, também, por pessoas do sexo feminino.

2.2. Destaques do Brasil e do mundo

Durante diferentes épocas, as mulheres usaram suas forças de trabalho para fazer história no mundo da ciência. Enquanto alguns trabalhos apontam para a invisibilidade feminina nas carreiras científicas, outra corrente, também chamada de história compensatória, focaliza as mulheres bem-sucedidas nas ciências e recupera biografias famosas (CITELI, 2000). Geralmente o objetivo é demonstrar que as mulheres tiveram êxito nas ciências tradicionais e, apesar das barreiras encontradas, também podem fazer ciência.

As mulheres deste livro tiveram de lutar contra esses estereótipos para trabalhar nas carreiras em que queriam. Elas quebraram regras, publicaram usando pseudônimos e trabalharam apenas pelo amor ao aprendizado. (IGNOTOFSKY, 2017, p.6-7).

Nos registros dos estudos egípcios, uma das primeiras matemáticas que se tem notícia é Hipátia, segundo Ignotofsky (2017). O que se sabe, como aponta a autora, é que seu pai (um dos membros da Biblioteca de Alexandria, instituição respeitada na época), ensinou-lhe os princípios das ciências matemáticas e da astronomia. No entanto, ela começou a superar o pai em seus estudos, conquistando contribuições próprias usadas na geometria e nas teorias dos números. Tornou-se uma das primeiras professoras de sua cidade, Alexandria, além de ser especialista em filosofia platônica.

Uma das figuras internacionais mais conhecidas é a física polonesa Marie Curie (1867-1934), que foi a primeira mulher a receber o prêmio Nobel de Física, por seus estudos em radioatividade, no ano de 1903. Em seguida recebeu o Nobel de Química, em 1911, quando se tornou a primeira cientista a conquistar o prêmio pela segunda vez. Marie perdeu por um voto o direito de ingressar na Academia de Ciências da França, fato que foi justificado por ser ascendente de judeus. Porém, principalmente por ser mulher, ela provavelmente foi alvo da secular resistência masculina à inserção das mulheres no mundo da ciência (CHASSOT apud SILVA et al, 2011, p.2).

A russa Valentina Tereshkova foi a primeira mulher a realizar uma missão solo no espaço. Como destacado em notícia¹⁶ do jornal El País, no dia 16 de junho de 1963, a nave *Vostok-6* entrava na órbita terrestre e no seu comando estava Valentina.

¹⁶Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/05/ciencia/1520274326_518257.html>. Acesso em: 18/05/2018.

Chaika (“gaivota”, em russo) foi o seu codinome naquela missão. Ela deu 48 voltas em torno da Terra durante 71 horas. Sua experiência como paraquedista, junto com sua ligação ao Partido Comunista da União Soviética, levaram-na até o espaço.

No Brasil, há também grandes nomes de mulheres cientistas. A respeitada bióloga Bertha Lutz (1894-1976), apontada no texto¹⁷ do dossiê “Feminismos”, da Revista de História da Biblioteca Nacional. Dentre outras conquistas, teve voz na construção do campo feminista no país. No ano de 1936, apenas quatro anos após a conquista do direito ao voto feminino no governo de Getúlio Vargas, a bióloga se tornou deputada federal pelo estado do Rio de Janeiro, e travou a sua luta pela conquista de direitos políticos das mulheres. No Congresso, ela propôs o Estatuto da Mulher e a criação do Departamento Nacional da Mulher. As iniciativas foram rejeitadas, mas logo seguidas de novas proposições da cientista, como o impedimento da diferença salarial baseada no estado civil e no sexo.

Uma grande referência da área de medicina e psiquiatria foi Nise da Silveira (1905-1999), brasileira que lutou pela conquista de métodos terapêuticos mais humanos no tratamento de pacientes com distúrbios mentais. Estudou na Faculdade de Medicina da Bahia e concluiu o curso aos 21 anos, com um trabalho sobre a criminalidade feminina, de acordo com Melo e Rodrigues (2006), pesquisadoras que reuniram destaques de cientistas brasileiras em livro intitulado “Pioneiras da ciência no Brasil”. Sua pesquisa pioneira sobre o tratamento de doenças através da arte terapia foi muito reconhecido, tanto no Brasil quanto no resto do mundo. A produção artística de muitos de seus pacientes ficou reunida no Museu de Imagens do Inconsciente, fundado por ela em 1952.

Johanna Döbereiner (1924-2000), agrônoma alemã que naturalizou-se brasileira após conflitos de guerra em sua cidade, ganhou prêmios nacionais e internacionais ao descobrir a ocorrência de uma associação entre bactérias do solo. Essa descoberta, feita a partir da comparação entre as terras do Brasil e as européias, teve enorme impacto no meio científico e tecnológico (MELO & RODRIGUES, 2006). Ao longo de sua carreira, Johanna publicou quase 500 trabalhos. Ela foi eleita membro efetivo da Academia Brasileira de Ciências (ABC), tendo sido a primeira mulher a integrar os quadros de

¹⁷Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20160412084328/http://www.rhbn.com.br/secao/capa/sementes-da-revolucao>>. Acesso em: 12/05/2018.

direção da instituição, como vice-presidente. Já teve indicação ao Prêmio Nobel de Química.

E essas são apenas algumas das mulheres que ocuparam lugares de notoriedade na ciência. No entanto, para isso as mulheres tiveram que travar batalhas que começaram em patamares iniciais: primeiro, precisaram conquistar campos como a educação, que inicialmente era voltada para o público masculino. No contexto de surgimento da educação superior, as oportunidades para pessoas do sexo feminino ainda eram pequenas e, na maioria das vezes, dificultadas. Quando as portas das universidades finalmente se abriram para elas, muito mudou.

2.3. Elas chegaram na universidade

Ter acesso à educação superior brasileira parece ter sido um privilégio, durante algum tempo, dos homens. Brasileiras que viveram em séculos passados deram início ao desafio de fazer das instituições de pesquisa e das universidades um espaço ocupado, também, por meninas e mulheres.

A chegada da universidade no Brasil é, por si só, um processo mais lento do que em outros países. Algumas tentativas são realizadas, sem êxito, para que seja criada a primeira instituição de ensino superior (FÁVERO, 2006). Quem leva essa ideia para as terras brasileiras são os jesuítas. Em sua origem, o ensino superior se propõe a ser um modo de combate à ignorância e de valorização da cultura, como sugere Souza (1996), estudioso da educação brasileira. Segundo o autor, a universidade surge com o propósito de educação para todos.

A Reforma surgiu condenando a ignorância como um mal para a religião, impondo às cidades o dever de combatê-la e destruí-la. A Educação devia ser para todos e as escolas serviram tanto para as coisas materiais quanto para as espirituais. (SOUZA, 1996, p.45).

O ideal de igualdade, teoricamente, parece ter estado nos pilares iniciais da construção da educação. No entanto, o sistema colonial, escravocrata e patriarcal no qual esteve inserido o país, como indicam Costa e Sardenberg (2008), nunca permitiu que a igualdade fosse, de fato, representada em praticamente nenhum patamar político, social ou econômico durante a história. A luta pela inserção das mulheres na educação formal só ganha força com a chegada do feminismo, que passa a colocar em pauta, pela primeira vez, a questão de gênero na sociedade.

Buscando uma transformação mais profunda na sociedade, o feminismo tem que travar uma luta ideológica contra os valores patriarcais representados diretamente pelos pais, pelos maridos, companheiros, amigos, colegas de trabalho etc. Para as

mulheres, esse feminismo significa também um processo de reeducação, ruptura com uma história de submissão e descobrimento das próprias potencialidades. (COSTA & SARDENBERG, 2008, p.29).

Oficialmente, as primeiras escolas de medicina do Brasil parecem ter chegado apenas no ano de 1808 (VICENTINO & DORIGO, 1997), de acordo com os autores que estudam a história brasileira. Nesse momento, é criado o Curso Médico de Cirurgia na Bahia (que se tornaria, mais tarde, a Faculdade de Medicina da Bahia). Ao mesmo tempo, também é fundado o Hospital Militar do Rio de Janeiro. Em ambas as instituições, as primeiras turmas são compostas apenas por homens.

Quase oitenta anos depois, em 1879, é a Lei Leôncio de Carvalho que garante a entrada das mulheres nestas escolas, como destacado por Guariza (2017), que fala sobre mulheres na educação. As primeiras mulheres a cursarem o ensino superior, de acordo com as etnias, teriam sido a branca Rita Lobato, graduada na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887, e a negra Maria Rita de Andrade, que obteve o título de bacharel pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1926.

Nesse contexto, a discussão sobre gênero parece ganhar mais força. Em 1932, é lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (SANFELICE apud COSTA & RAUBER, 2009). Escrito por intelectuais da elite, incluindo algumas autoras mulheres, o documento é um dos primeiros a levantar a questão da igualdade de gênero no acesso ao ensino formal. O manifesto prega um ideal de renovação e busca novas e mais modernas diretrizes para a educação no país, como se lê no trecho:

Mas, com essa campanha, de que tivemos a iniciativa e assumimos a responsabilidade, e com a qual se incutira, por todas as formas, no magistério, o espírito novo, o gosto da crítica e do debate, e a consciência da necessidade de um aperfeiçoamento constante, ainda não se podia considerar inteiramente aberto o caminho às grandes reformas educacionais. É certo que, com a efervescência intelectual que se produziu no professorado, se abriu, de uma vez, a escola a esses ares, a cujo oxigênio se forma uma nova geração de educadores. (AZEVEDO et al, 1932, p.409).

Alguns movimentos pioneiros, como o estudantil, estavam à frente de esforços pela conquista desses direitos. A Reforma Universitária de 1968, apesar de não ter sido posta em prática exatamente como planejada, como afirma Sampaio (1991), é êxito dos estudantes e traz mudanças para esse cenário. O autor, que conta um pouco sobre a história das universidades brasileiras, usa de exemplo a abolição das chamadas “cátedras” (professores que tinham cargos de caráter contratual permanente) e dos departamentos, que se tornaram unidades mínimas de ensino e pesquisa.

Dentre os esforços realizados para que esses estudos se fortificassem no país, destaca-se o pioneirismo do “Núcleo de Estudos sobre a Mulher”, como aponta Leta (2003), pesquisadora faz um histórico sobre a chegada das mulheres na educação. Criado em fins dos anos de 1980, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, esse núcleo estimulou a criação de iniciativas parecidas no país e concluiu pesquisas sobre ciência e gênero.

Mais tarde, organizações nacionais e internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), também passam a colocar em sua agenda o estímulo à entrada de mulheres nesses ambientes. É o que pontua Rosemberg (2001), em seus estudos sobre a ocupação de espaços científicos pelas mulheres. Nos anos 90, uma série de conferências mundiais, como a Conferência Mundial da Educação, já apontavam para políticas que investissem na educação de meninas e mulheres, incluindo a educação no ensino superior.

Uma colagem de metas e compromissos comuns a pelo menos duas conferências daria uma carta composta por três tópicos: assegurar ou garantir o acesso total, igual ao dos homens, mais amplo e o mais cedo possível de meninas e mulheres à educação em todos os níveis. (ROSEMBERG, 2001, p.516).

Paralelamente, enquanto a entrada no ambiente de ensino superior parece ter sido mais lenta, o magistério no ensino primário é, por sua vez, protagonizado por mulheres. De acordo com Bruschini e Amado (1988), que contam uma história das mulheres no magistério, quando foram fundadas as primeiras instituições destinadas a preparar professores para a prática docente, em meados do século XIX, a frequência era predominantemente feminina, o que era inovador para a época. “Ao se formar, as novas mestras ou iam dar aulas nas poucas vagas existentes no primário para meninas ou, mais frequentemente, eram contratadas como perceptoras ou professoras particulares, nas casas ou fazendas das famílias abastardas” (BRUSCHINI & AMADO, 1988, p.5). Assim, essa era uma das poucas oportunidades que as mulheres tinham de seguir profissão na área do conhecimento e da educação.

É só a partir da década de 1970 que a presença de mulheres nas universidades passa equivaler a de homens (GUARIZA, 2017). Segundo a autora, a raridade de pessoas do sexo feminino que cursam o ensino superior passa a mudar, já que o ingresso se intensifica. Já neste momento, ao fim da década, as mulheres chegam a ocupar quase 60% das vagas entre os estudantes universitários.

Como aponta Rosemberg (2001), de acordo com dados retirados de PNADs¹⁸ (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), a presença feminina dentro da universidade continua a equivaler a dos homens nos anos 90. Para cada 27 estudantes homens, apenas um frequentava o ensino superior, em 1992. Essa relação cai para um em cada 20, no ano de 1999. Já entre as mulheres, a relação é de 20 para uma em 1992, e se torna 16 para uma em 1999. A autora afirma, ainda, que olhando para outros níveis de educação, além do superior, já havia mais mulheres que homens.

E elas chegaram. No início do século XXI, a universidade é oficialmente um lugar também ocupado por mulheres. Como indica Leta (2003), há quase 15 anos, “dados mais recentes sobre o alunado das universidades brasileiras mostram que as mulheres já representam a maior fração entre os estudantes matriculados e concluintes. Em 2001, elas representavam 56,3% do total de matrículas (3.030.754) e 62,4% do total de concluintes no ensino universitário, segundo o Inep¹⁹” (LETA, 2003, p.275).

Fazendo um paralelo com dados mais recentes, do Inep²⁰ de 2015, as mulheres ainda dominam os números entre estudantes matriculados e concluintes do ensino superior. Elas representam 57,1% do total de matrículas (8.027.297) e 61,4% do total de concluintes em universidades brasileiras. Estes são apenas alguns dados que mostram a entrada delas em determinados espaços.

Apesar de todas as conquistas das mulheres na ciência, ainda há questões a serem discutidas, como a forma que essas mulheres são representadas pela grande imprensa. Por ser um lugar que condensa ideias e conceitos de uma sociedade, a imprensa é um instrumento que pode ser passível de análise. Principalmente quando se trata de um público com uma trajetória particular como a das mulheres cientistas.

¹⁸Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em: 19/05/2018.

¹⁹Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, do Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 10/12/2017.

²⁰Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, do Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 31/05/2018.

3. MÍDIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA

Ao compreendermos a imprensa como local legitimado de representação do real, ainda que isso seja feito diante de algumas particularidades, uma forma de perceber o espaço ocupado pela mulher cientista na sociedade brasileira é compreendendo a maneira como é representada por alguns veículos tradicionais da imprensa brasileira.

Para isso, torna-se necessário primeiro compreender como a imprensa brasileira se configura socialmente, principalmente a partir dos anos 1950, como instituição de verdade. Ao narrar acontecimentos e descrever personagens e tipos sociais, aparentemente o jornalismo moderno se coloca como reprodutor, e não como um interpretador do real.

A partir disso, ao lançarmos um olhar sobre as mulheres cientistas hoje na imprensa, podemos entender como elas são interpretadas e acabam ganhando determinados contornos. É possível questionar que contornos são esses, quem são essas mulheres que aparecem na imprensa. Mas, para além disso, podemos buscar entender de que forma essas mulheres são interpretadas e descritas.

3.1. A imprensa e o seu papel

Falar um pouco sobre a história da imprensa brasileira é partir do pressuposto de que “a história produz interpretações e procura nos indícios e sinais que chegam ao presente reconstruir alguns momentos mais marcantes” (BARBOSA, 2008, p.1). Segundo a historiadora e estudiosa de comunicação, múltiplos movimentos devem ser mapeados nessa história da imprensa, como por exemplo: a transformação dos jornais e do jornalismo na virada do século XIX para o XX; a eclosão do jornalismo de sensações nos anos 1920; as relações da imprensa com o poder durante o Estado Novo; a mítica da modernização dos jornais na década de 1950; o cenário da imprensa durante a ditadura militar e os novos cenários dos trinta últimos anos do século XX, até os dias de hoje.

Destacando um destes momentos marcantes, é na década de 1950 que ocorre uma das grandes guinadas na imprensa brasileira. Baseada em um modelo norte-americano, a imprensa, assim como a mídia jornalística no geral, se constitui como um dos principais campos discursivos do nosso tempo. Neste momento é fundada sua legitimidade social, de acordo com Ribeiro (2007). Para a autora, em seu livro “Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950”, a modernização da época – gráfica, editorial, linguística e outras – permitiu a construção de um lugar institucional para a imprensa, que a tornou um enunciador “oficial” de verdades dos acontecimentos.

Na década de 1950, isto começou a mudar, principalmente no Rio de Janeiro, onde o jornalismo empresarial foi pouco a pouco substituindo o político-literário. A imprensa foi abandonando a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina e a substituindo por um jornalismo que privilegiava a informação “objetiva” e “imparcial”. (RIBEIRO, 2007, p.29).

Desde lá, pode-se dizer que o discurso jornalístico passou a revestir-se de uma “aura de fidelidade aos fatos”, o que lhe conferiu certo poder social (RIBEIRO, 2007). Com isso, seu papel é de investir sentido sobre as transformações da realidade, por meio de suas operações discursivas. Isso quer dizer que é possível fazer uso dos jornais como forma de compreender contextos sociais, de acordo com a época, o lugar e o público a que falam.

Dessa forma, os meios de comunicação, com ênfase para os jornalísticos, parecem se configurar como um espaço legitimado de representação do real, já que tentam se aproximar da realidade (ou aquilo que percebem como realidade). Só há acesso a esse “real” por via dos discursos, da linguagem, de uma visão de mundo (HERNANDES, 2006), transmitida por esses meios, mas que guardam em si a mentalidade de quem produz o discurso.

Ao realizar a análise de produtos jornalísticos, é preciso pensar a realidade como algo complexo, já que a interpretação dela vem de cada indivíduo. Muitas vezes os jornais são vistos pela sociedade como meios que narram uma verdade plena, quando essa forma de narrar é apenas uma interpretação. Não existe uma única verdade e, como indica Hernandez (2006) em seu texto sobre os truques usados pela mídia para captar o público, um analista deve se interessar por desvendar como cada jornal constrói um efeito de que diz a verdade, de que está mostrando a realidade. Ou seja, o principal objeto da investigação numa análise deve ser este.

Além disso, é preciso olhar para a imprensa como um espaço privilegiado para a construção de memórias sociais no cenário contemporâneo, como indica Enne (2004), que estuda as múltiplas representações da imprensa carioca. Para ela, o jornal impresso tem motivado inúmeras reflexões acerca de seu papel na formação das identidades sociais. Sendo assim, ela parte da percepção da imprensa como um meio de comunicação de massa, capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas. É um “lugar de memória privilegiado nas sociedades urbanas”.

A opção por trabalhar-se com a grande imprensa carioca pode ser creditada à intenção de se perceber como está sendo construída, para o senso comum metropolitano, para um público de largo alcance, as múltiplas imagens acerca deste espaço geográfico e social. (ENNE, 2004, p.2).

Já que os jornais podem ser usados como modo de entender contextos sociais específicos, é possível aplicar esse ideal a diferentes grupos representados na imprensa, inclusive o das mulheres. Há exemplos que reiteram a ideia de que a imagem da mulher foi usada de várias formas em publicações ao longo das décadas no Brasil. Os significados de modernidade e os papéis a que elas deveriam se submeter se transformam no tempo. Por isso, é possível buscar compreender essas representações do feminino em outras épocas.

3.1.1. Mulher, imprensa e ciência

Ao mesmo tempo em que ocorrem mudanças na imprensa brasileira, como na década de 1950, a forma como a mulher é representada pelos jornais e revistas também se transforma com o passar das décadas. O que significa o feminino no Brasil, assim como o lugar dessa mulher na sociedade, é diferente de acordo com a época. Isso fica claro ao lidar com exemplos de publicações pensadas para o público feminino.

Num período entre 1945 e 1964, a maioria das publicações femininas penetra no espaço doméstico e procura atuar como guia de ação, conselheira persuasiva, companheira de lazer ou alienação (BASSANEZI, 1993). De acordo com a autora, estudiosa da representação feminina, um dos temas mais constantes nas publicações voltadas às mulheres – importante fonte de informação, principalmente para leitoras de classe média – é a felicidade conjugal. As revistas afirmavam em coro que a felicidade conjugal era a ambição de todas as mulheres, que deveriam portar-se como boas esposas.

As distinções de gênero delegam aos homens autoridade e poder sobre as mulheres - são considerados os “chefes da casa”. As mulheres, por sua vez, são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (prioritariamente mães, donas de casa e esposas, vivendo em função do outro, o homem) e das características consideradas “próprias das mulheres” englobadas no termo “feminilidade” (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc). (BASSANEZI, 1993, p.114).

Publicações como o “Jornal das Moças”, que circulou no Brasil entre os anos de 1914 e 1965 e era publicado no Rio de Janeiro, pregava que essas mulheres deveriam viver dentro dos limites da moral e dos bons costumes e estar sempre de acordo com o bom senso. Elas deveriam, segundo Bassanezi (1993), ser totalmente a favor da família estável, pois consideravam que a prioridade da vida feminina deveria ser cuidar do lar.

Isso gera o que Buitoni (1986), pesquisadora que é referência nos estudos de mulheres na imprensa, define como sendo a imprensa feminina. Segundo a autora, o termo diz respeito a conteúdos especializados pensados majoritariamente para o público

feminino. Esse tipo de publicação teria surgido no século XVII e se estendido até os anos 1980. São produções que têm a finalidade de atender a demandas de um grupo que, nesse caso, é definido pelo sexo. Assim, são voltadas para os chamados “assuntos de mulher”, que tratam de temáticas de interesse ao universo feminino, que varia com seus contextos históricos e sociais específicos. A ideia do que é feminino e o que é ser mulher se transforma no tempo e no espaço – é uma construção social, que está sujeita a alterações, diferentes pressões, rupturas e continuidades. De acordo com a autora, tal distinção de público não ocorreu no passado na imprensa em geral.

Embora lidos predominantemente pelos homens (que eram letrados e, por isso, tinham mais acesso aos conteúdos), os jornais eram, a princípio, destinados a ambos os sexos (BUIIONI, 1986). No entanto, temas como coração, romance, melodrama ou sexo, além de moda e literatura, regras de etiqueta e o comer bem, indústria de cosméticos, beleza, culinária, dicas de comportamento, textos de horóscopos e espaços para cartas são enfoques indispensáveis nas partes que seriam lidas pelas mulheres.

Entre a moda e a literatura, duas incentivadoras da fantasia, a imprensa feminina brasileira caminhava. Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetos, tivemos no Rio, São Paulo e outras cidades, “A Camélia”, “O Beija-Flor”, “O Leque”, “Jornal das Moças” (...) e assim por diante. (BUIIONI, 1986, p.40).

Esses casos, que tratam de representações da mulher em determinadas épocas da história, são alguns exemplos de estudos que tentam compreender o que era o feminino na imprensa brasileira em outros momentos. No entanto, eles se diferenciam das últimas décadas: há outros contextos nos quais a imprensa está inserida e, portanto, outras formas de se ver a notícia.

Ao tratar especificamente de mulheres cientistas no Brasil, há alguns pontos particulares a serem indicados. De acordo com Silva e Ribeiro (2011), em seu texto que discute gênero na ciência, “as pesquisas sobre a relação entre ciência e gênero têm se ocupado em discutir o forte viés sexista e androcêntrico que tem permeado a ciência, manifesto tanto na sub representação das mulheres nas ciências ou mesmo, em determinados contextos específicos, com sua exclusão das práticas científicas” (SILVA e RIBEIRO, 2011, p.2). Nesse sentido, um dos principais pontos da crítica feminista à ciência tem sido demonstrar e denunciar a exclusão e invisibilidade das mulheres nesse ramo.

Para além da imprensa, estudiosos já vêm abordando a representação de mulheres cientistas em variados veículos, como programas de TV, telejornais e obras do cinema

(CARVALHO & MASSARANI, 2017). No entanto, de acordo com as análises dos estudiosos da divulgação científica, ainda há poucos estudos com foco na imagem do cientista. Segundo eles, há uma lacuna nos estudos midiáticos sobre a representação do cientista, principalmente na TV brasileira.

Esses estudos têm como foco a ciência presente na programação televisiva, sendo a presença do cientista apenas um dos itens analisados e nem sempre presente em todas as pesquisas. Nesse sentido, observamos uma lacuna nos estudos midiáticos sobre a representação do cientista na TV brasileira que considerassem programações diversificadas e que pudessem contribuir para uma comparação entre as representações de diferentes programas. (CARVALHO & MASSARANI, 2017, p.216).

A partir de estudos de caso, por exemplo, há a possibilidade de pensar a mulher cientista como uma imagem, de certa forma, também construída pela imprensa. O que esses produtos têm a dizer sobre elas? Esta e outras importantes questões devem ser levantadas.

3.2. O caso Suzana Herculano

No contexto de dar mais espaço para mulheres que se destacam nas ciências, os produtos da mídia brasileira passaram a ser uma das janelas de representação dessas cientistas. Dentre tantas, uma delas ficou conhecida não só por sua atuação no laboratório, mas também por ter se envolvido em certas polêmicas ao afirmar que era difícil fazer ciência de ponta no Brasil.

A neurocientista Suzana Herculano-Houzel²¹ se dedica a estudar o cérebro humano, suas funções, conexões, como é formado e suas influências em atividades do nosso dia a dia. “A mulher que encolheu o cérebro humano”²², como é chamada no título de uma notícia do jornal O Globo, é formada em Biologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atuou por 14 anos como professora associada da instituição.

Aos 46 anos, a cientista tem mestrado em Neurociências pela *Case Western Reserve University*, nos Estados Unidos, e doutorado pela *Université Pierre et Marie Curie*, na França. Ela também conquistou seu PhD na *Max Planck Institut Für Hirnforschung*, na Alemanha. É autora de seis livros de divulgação científica e colunista da Folha de S. Paulo. Já foi apresentadora da série “Neurológica” no programa Fantástico, da Rede Globo, e escreveu para a Revista Mente & Cérebro. Em 2016, deixou o país e

²¹Informações retiradas do currículo Lattes. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4727050Y3>>. Acesso em: 25/06/2018.

²²Notícia do jornal O Globo, retirada do acervo online. Foi publicada em 24/05/2013. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=suzana+herculano>>. Acesso em: 22/05/2018.

levou suas pesquisas para um novo laboratório na *Vanderbilt University*, nos Estados Unidos.

Por seus trabalhos reconhecidos nos estudos das neurociências, ela foi a primeira brasileira a falar na conferência internacional TED²³ (Tecnologia, Entretenimento e Design, em português), dentre outras conquistas. Ficou em destaque na imprensa brasileira durante algum tempo, mas parece ter ficado mais conhecida quando anunciou os motivos pelos quais renunciaria seu cargo na UFRJ: falta de apoio financeiro público.

Em um levantamento realizado para este trabalho, Suzana começa a aparecer em notícias de ambos os jornais O Globo e Folha de S. Paulo em meados de 2002, a maioria delas nas páginas da Folha. Através da ferramenta de busca no acervo online desse jornal, por exemplo, ao digitar o nome “Suzana Herculano”, aparece o número de 26.146 resultados (sem filtros), tornando-a a cientista mais noticiada dentre as selecionadas neste trabalho. Isso também se dá à sua função como colunista do jornal, pois assina, às terças-feiras, textos na seção “Equilíbrio”, com assuntos variados sobre a sua área de atuação, desde 2008.

Como observação, no entanto, é preciso levar em consideração uma grande quantidade de informações “lixo” ao utilizar os filtros de busca em acervos. Ao digitar um nome, por exemplo, é provável que parte dos resultados não tenha ligação direta com ele, o que significa que não gera apenas informações úteis para a pesquisa.

De toda forma, para mapear a periodicidade e o que era dito sobre essa cientista, houve um levantamento inicial reunido em uma tabela, que cursava o conteúdo total de 42 notícias (sendo 40 reportagens e duas capas), sobre ela e sobre a outra cientista Joana D’Arc Félix, analisada no próximo capítulo. As notícias foram retiradas dos acervos ou de portais online dos jornais. Para este trabalho, foram separadas 12 reportagens para análise, dentre as quais nove dizem respeito a Suzana.

Fazendo uma análise geral dessas nove notícias, a trajetória da cientista nos jornais pode ser dividida em três grupos de reportagens, que podem ser identificados na *Tabela I*, a seguir.

²³O título original em inglês é *Technology, Entertainment, Design*. Disponível em: <<https://www.ted.com/about/conferences>>. Acesso em: 21/05/2018.

Título da reportagem	Grupo	Jornal	Seção	Data	Página
Neurociência explica a química do prazer	GRUPO 1	O Globo	Ciência e Vida	09/06/2003	p.22
A fórmula do amor	GRUPO 1	O Globo	Ela	31/05/2008	p.3
Guerra Paz Amor entre os sexos	GRUPO 1	O Globo	Jornal da Família	09/11/2003	p.1
Neurônios em ação	GRUPO 2	O Globo	Jornal da Família	20/01/2002	p.6
Mielos cozidos	GRUPO 2	Folha de SP	Ciência + saúde	26/10/2016	p.B11
Quando o cérebro faz rolar de rir	GRUPO 2	Folha de SP	Equilíbrio	08/11/2016	p.B7
Sem verba, neurocientista renomada pode ter trabalhos paralisados	GRUPO 3	O Globo	Sociedade	03/07/2015	p.24
Sem apoio, cientista vai para os EUA	GRUPO 3	O Globo	Primeira página	05/05/2015	p.1
Engessamento na ciência me fez deixar o Brasil	GRUPO 3	Folha de SP	Ciência + saúde	05/05/2016	p.B10

Tabela 1: reportagens, divididas em grupos, sobre a cientista Suzana Herculano-Houzel, retiradas dos acervos do O Globo e da Folha de S. Paulo. (Fonte: Elaboração da autora)

Estes grupos possuem diferentes focos dados pelos veículos jornalísticos: as três primeiras reportagens selecionadas, do Grupo 1, parecem optar por relacionar sua expertise em neurociências com assuntos mais ligados a temas do “universo feminino”. No Grupo 2, as outras três reportagens escolhidas tratam de pesquisas e questões ligadas a ciência, saúde e bem-estar. Neste grupo, ela aparece principalmente nas seções “Ciência” e “Saúde”, do O Globo, e “Ciência + saúde” e “Equilíbrio”, da Folha de S. Paulo. Também é usada quando necessitam da opinião de um especialista de neurociências em algumas discussões e assuntos específicos, ou em anúncios de palestras e lançamentos de livros.

Por fim, o Grupo 3 de reportagens, que datam a partir do ano de 2015. O contexto dessas três notícias é o anúncio da cientista sobre sua saída do Brasil, para trabalhar em uma universidade no exterior. Suzana oficializa, pela primeira vez, sua decisão de abrir mão do cargo de pesquisadora em terras brasileiras em texto publicado na revista Piauí, com o título “Bye-bye, Brasil”²⁴. De acordo com o seu relato, ela encontrou extremas dificuldades para levar adiante seus projetos de pesquisa, principalmente por falta de financiamento público.

Após duras críticas à ciência brasileira, ela finalmente revela os motivos de sua partida. Em trecho da notícia da Piauí, ela afirma: “Durante a maior parte de 2015, o único jeito de continuar nossos projetos e não mandar mestrandos e doutorandos para casa foi tirar dinheiro do meu próprio bolso – cerca de 25 mil reais”, e pontua “Se já era difícil fazer ciência de excelência com recursos escassos, com recursos inexistentes tornou-se impossível” (PIAÚÍ, 2016).

Se, antes, Suzana parece ser usada como referência brasileira em pesquisas da área de neurociências por ambos os jornais, em outro momento o anúncio de sua ida para o exterior passa a ter mais importância em notícias sobre ela. Quando a cientista anuncia

²⁴Texto publicado na revista Piauí, em maio de 2016. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/bye-bye-brasil/>. Acesso em: 12/06/2018.

que vai deixar o Brasil, as reportagens da Folha e do O Globo parecem migrar para seções como “Sociedade”, ou chegam na primeira página do jornal, em alguns casos.

Ao fazer uma análise mais profunda do primeiro grupo de notícias, os textos dos jornais parecem atender a um tipo de produção textual voltada para o público feminino - ou aquilo que a imprensa crê que seja de interesse feminino. É o que define Buitoni (1986) como sendo a imprensa feminina. Segundo a autora, a imprensa feminina diz respeito a conteúdos dirigidos e pensados para mulheres. É um conceito sexuado, já que o sexo do seu público faz parte de sua natureza. Em sua essência, as publicações desse tipo deixam claro a quem se destinam, sendo o público final as mulheres. Assim, elas atendem a certos “assuntos de mulher”, geralmente definidos como conteúdos especializados ao universo feminino.

A questão do “feminino” ser uma especialização é questionado na obra da autora. Para ela, é preciso compreender as classificações tradicionais de imprensa em geral e imprensa especializada, para assim desvendar onde se encaixa a imprensa feminina. Ela chega a conclusão de que as mulheres não constituem um público especializado. As leitoras de jornais e revistas femininas têm interesse por uma série de assuntos conexos, geralmente envolvendo moda/casa/coração. Há algumas classificações que são corretas, mas não caberiam à imprensa feminina como um todo (BUITONI, 1986).

Na reportagem “Neurocientista explica a química do prazer”²⁵, retirada da seção “Ciência e Vida” do jornal O Globo, isso pode ser exemplificado. A pesquisadora é entrevistada para argumentar a respeito da relação entre o cérebro e os prazeres da vida cotidiana, tema de um livro publicado por ela e intitulado “Sexo, drogas, rock’n’roll e chocolate”. A notícia explora a opinião da especialista, que pontua o passo a passo do funcionamento dos neurônios em atividades prazerosas, inclusive o sexo. Buitoni inclui, em seus estudos, o sexo como um assunto presente nos chamados produtos jornalísticos do universo feminino.

Lentamente, o sexo foi insinuando-se nas revistas brasileiras. (...) A modelo com roupa decotada na capa, muitos artigos sobre comportamento, sexo, liberação, um desejo de luxo e estudada descontração, algumas pitadas culturais, eis a fórmula que se foi adequando ao “clima” brasileiro. (BUITONI, 1986, p.50-51).

O sexo é abordado no texto logo no início da reportagem, quando a expressão “uma boa noite de amor” é usada na reportagem como exemplo para experiências

²⁵Notícia do jornal O Globo, retirada do acervo online. Foi publicada em 09/06/2003. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=suzana+herculano>>. Acesso em: 21/05/2018.

processadas pelo cérebro. A cientista explica como as sensações são interpretadas pelos neurônios humanos.

Ao longo da reportagem em questão, também são levantadas temáticas como romance, fidelidade e vida a dois, o que é observado por Buitoni (1986) como uma marca desses conteúdos noticiosos. Para ela, não há revista (ou, nesse caso, jornal), pensada para mulheres, que não trate do tema “coração”. São comuns informações de comportamentos afetivos, já que a mídia observou o sucesso na união entre “mulher” e “amor”. Lê-se em trecho da reportagem: “É o que acontece quando as pessoas se apaixonam, por exemplo. Além de ativar o sistema de recompensa, a paixão provoca reações em uma outra área do cérebro chamada ínsula. A região é responsável por sensações internas do corpo, ‘dessas mais difíceis de descrever’, segundo Suzana, como aquele frio na barriga quando se avista o objeto da paixão” (O GLOBO, 2003, p.22).

Essa mesma lógica parece se repetir na notícia “A fórmula do amor”²⁶, que se encontra na seção “Ela” do jornal O Globo. Na linha fina da matéria, logo abaixo do título, lê-se “Neurocientista estreia na TV e diz que beijo faz bem ao cérebro” (O GLOBO, 2008, p.3). A escolha jornalística de definir o “beijo” como principal temática da matéria pode estar relacionada novamente à tentativa de noticiar assuntos do sexo e de temáticas românticas, dentro da imprensa feminina, ou voltada para mulheres.

Também pode ser destacada a forma como o jornal separou, antes mesmo de iniciar a notícia, algumas frases ditas pela neurocientista. Dentre elas: “O cérebro conta com um detector de beleza. Ele detecta corpos proporcionais, rosto simétrico e adora queixo largo nos homens e lábios carnudos em mulheres” (O GLOBO, 2008, p.3). Dessa vez, o tema da beleza, muitas vezes relacionado ao público feminino, parece ter sido o enfoque escolhido. Falar de moda e beleza, principalmente desde os avanços da indústria de cosméticos, tornou-se um papel da imprensa feminina (BUITONI, 1986).

Outro tipo de representação da mulher pode ser identificado na chamada da reportagem, na frase: “Suzana, que só dá aulas de salto alto (...)” (O GLOBO, 2008, p.3). Essa característica do salto alto, atribuída à cientista, parece estar atendendo a novas imagens da mulher contemporânea, como apontado por Leal (2015). De acordo com a estudiosa de comunicação, representações midiáticas normatizam modos de ser para os sujeitos femininos na contemporaneidade, em seu relacionamento com o trabalho, o sucesso e a vida pessoal. Ela fala da existência de um estereótipo da mulher poderosa, o

²⁶Notícia do jornal O Globo, retirada do acervo online. Foi publicada em 31/05/2008. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=suzana+herculano>>. Acesso em: 21/05/2018.

qual revelaria pistas para o entendimento do papel da mulher e das relações de gênero e de trabalho na sociedade.

Assim, às exigências tradicionalmente dirigidas ao gênero feminino, como o casamento, a maternidade e a beleza, adiciona-se um conjunto de demandas relacionadas à vida profissional. O ideal de feminilidade tradicional ganha componentes de uma subjetividade marcada pelos imperativos do modelo econômico-cultural predominante nas sociedades ocidentais a partir da década de 1980: o individualismo neoliberal. (LEAL, 2015, p.62).

No segundo grupo, as notícias sobre a cientista Suzana seguem outra linha de assunto e abordagem. O foco, dessa vez, são pesquisas e resultados científicos no geral. Os jornais parecem usar a voz da neurocientista como referência em assuntos relacionados à sua área. Ela passa a ser citada ou consultada em debates, discussões e para opinar e/ou referenciar temas específicos. Em sua maioria, estão nas sessões de “ciência” ou “saúde” dos jornais, atendendo ao que é, geralmente, esperado para notícias de cunho científico em produtos jornalísticos. São voltadas para a chamada divulgação (ou popularização) da ciência.

Alguns outros exemplos desse tipo de matéria, que não se relacionam à cientista Suzana, são: “Cientista cria máquina para controlar os sonhos”²⁷, do O Globo, que apresenta um projeto americano de tecnologia para estimular a criatividade enquanto dormimos; “Último artigo de Hawking, publicado hoje, propõe nova teoria do Big Bang”²⁸, também do O Globo, que fala de uma obra póstuma do respeitado astrônomo; e “Zika pode prejudicar cérebro muito depois da infecção, mostra estudo em roedores”²⁹, notícia da Folha de S. Paulo sobre os perigos de doença que foi epidemia no Brasil.

Nesse sentido, a divulgação científica é definida por Bertolli Filho (2006), autor que estuda jornalismo científico, como a produção de conteúdos para um público interessado em se inteirar sobre as últimas novidades da ciência. Isso engloba diferentes iniciativas disseminadoras do conhecimento, podendo abranger variadas modalidades de comunicação, inclusive artigos jornalísticos. É aqui que entram os jornais, que também dão espaço a esse tipo de informação. Segundo o autor, “a mídia passou a desempenhar a função estratégica de fornecedora de informações científicas, as quais permitem que todos se sintam minimamente afinados com as questões centrais de um mundo que, sob a

²⁷Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/cientista-cria-maquina-para-controlar-os-sonhos-22739523>>. Acesso em: 12/06/2018.

²⁸Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/ultimo-artigo-de-hawking-publicado-hoje-propoe-nova-teoria-do-big-bang-22645171>>. Acesso em: 12/06/2018.

²⁹Disponível em: <<https://cadeacura.blogfolha.uol.com.br/2018/06/07/zika-adulto/>>. Acesso em: 12/06/2018.

égide da ciência e da tecnologia, mostra-se em contínuas e rápidas transformações” (BERTOLLI FILHO, 2006, p.1).

Já no contexto das análises sobre Suzana, um exemplo desse tipo de reportagem é a “Neurônios em ação”³⁰, publicada no O Globo, que trata do lançamento de um livro da cientista. O texto esclarece curiosidades do cotidiano que estão ligadas a reações específicas do cérebro, como o bocejo, a coceira e os sonhos. Segundo a reportagem, a grande maioria dos temas discutidos no livro são resultados de artigos científicos da neurocientista, que resolveu reuni-los em uma só obra voltada ao público leigo.

A divulgação científica radicou-se como propósito de levar ao grande público, além de notícias e interpretações do progresso que a pesquisa vai realizando, as observações que procuram familiarizar esse público com a natureza do trabalho da ciência e a vida dos cientistas. (GONÇALVES apud BERTOLLI FILHO, 2006, p.3).

Outro exemplo é a matéria “Miolos cozidos”³¹, da Folha de S. Paulo, na qual Suzana é uma das participantes de debate entre cientistas sobre a influência do ato de cozinhar alimentos na evolução do cérebro humano. No início da reportagem, nota-se, em trecho, que o jornal parece indicar a importância da cientista no cenário brasileiro: “Será que o ato de cozinhar turbinou a evolução do cérebro humano? A ideia, defendida por uma das principais neurocientistas brasileiras, está sendo questionada em um novo estudo, também assinado por pesquisadores brasileiros” (FOLHA DE S. PAULO, 2016, p.B11). No decorrer do texto, o jornal monta uma espécie de embate entre os cientistas, que argumentam e tecem críticas sobre a temática.

Em sua coluna, neste mesmo jornal, Suzana também divulga ciência ao tratar semanalmente de assuntos relevantes para os estudos das neurociências. Usando dados de pesquisas (dela própria e de outros cientistas), ela opina a respeito de temas que geram curiosidade do público.

Por exemplo, na notícia que levou o título “Quando o cérebro faz rolar de rir”³², ela explica o comportamento dos neurônios durante um ataque de riso. Segundo ela, há mecanismos específicos responsáveis por disparar a risada, assim como outras sensações

³⁰Notícia do jornal O Globo, retirada do acervo online. Foi publicada em 20/01/2002. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=suzana+herculano>>. Acesso em: 21/05/2018.

³¹Notícia do jornal Folha de S. Paulo, retirada do acervo online. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=suzana+herculano&periododesc=&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=&endDate=&days=&month=&year=&jornais>>. Acesso em: 22/05/2018.

³²Notícia do jornal Folha de S. Paulo, retirada do acervo online. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=suzana+herculano&periododesc=&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=&endDate=&days=&month=&year=&jornais>>. Acesso em: 22/05/2018.

de prazer, que liberam substâncias igualmente agradáveis aos seres humanos. Com dados também de estudos de uma universidade italiana, ela informa que um pequeno grupo de neurônios é o responsável por controlar o nosso corpo durante um ataque de risos, já que, teoricamente, ele não deveria ficar de pé. No que tange a importância de matérias desse tipo nos jornais, Bertolli Filho destaca (2006, p.1):

Espelhando a tendência internacional, o movimento editorial latino-americano tem se empenhado em responder às necessidades de um público ávido em conhecer um pouco mais sobre ciência. Tomando o Brasil como exemplo, além dos cadernos e seções especializadas em ciência constantes nos principais jornais e revistas do país desde meados da década de 1980, existe ainda uma variedade significativa de periódicos de divulgação.

Por fim, o terceiro grupo de notícias sobre Herculano-Houzel são voltados para o anúncio da saída da pesquisadora do país. Assim como alguns outros cientistas brasileiros, ela decidiu encerrar as pesquisas em seu Laboratório de Neuroanatomia Comparada, do Instituto de Ciências Biomédicas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao alegar falta de investimento do governo. O ato foi justificado pelo contexto brasileiro de cortes na ciência e pelas dificuldades em obter financiamento para pesquisas. Neste momento das reportagens, Suzana parece ser usada pelos veículos como uma espécie de porta-voz para o movimento de pesquisadores ao exterior.

Partindo do princípio de que a cultura da mídia também é o lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade (KELLNER, 2001), é possível afirmar que a escolha do jornal em abordar determinados assuntos não é inocente e pode ser movida por interesses muito particulares. O contexto do país no momento em que a cientista anuncia a mudança deve ser ao menos comentado ao olhar as notícias, apesar de esse não ser o foco deste trabalho. O próprio deslocamento das matérias de seções como “Ciência e Saúde”, do O Globo, para seções como “Sociedade” e “País”, podem demonstrar a mudança do foco.

A mídia está intimamente vinculada ao poder e abre o estudo da cultura para as vicissitudes da política e para o matadouro da história. Ajuda a conformar nossa visão de mundo, a opinião pública, valores e comportamentos, sendo, portanto, um importante fórum do poder e da luta social. (KELLNER, 2001, p. 54).

Isso pode ser exemplificado em reportagem da Folha de S. Paulo sobre Suzana, que leva o título de “Engessamento na ciência me fez deixar o Brasil”³³. A notícia começa

³³Notícia do jornal Folha de S. Paulo, retirada do acervo online. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=suzana+herculano&periododesc=&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=&endDate=&days=&month=&year=&jornais>. Acesso em: 30/05/2018.

com uma frase da cientista, que é uma crítica à ciência feita aqui: “Não dá mais para fazer ciência de ponta no Brasil” (FOLHA DE S. PAULO, 2016, p.B10). Com essa afirmação, o texto se constrói em cima do que ela chama de “engessamento” da ciência no país. Ela encontra dificuldades para comprar novos equipamentos, dar continuidade aos experimentos, dentre outras. Para ela, a solução encontrada é deixar a universidade brasileira, como parece indicar na frase: “Se existe alternativa, ela está do lado de fora” (FOLHA DE S. PAULO, 2016, p.B10).

Vale lembrar, que a Folha de S. Paulo é um jornal paulista diário em circulação com este nome desde o início da década de 1960. De acordo com o Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro³⁴, foi precedido por outros três jornais lançados entre 1921 e 1925, todos pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., denominados Folha da Noite, Folha da Tarde e Folha da Manhã. Nos últimos anos da década de 1990, a Folha de S. Paulo seguia sendo o maior jornal em circulação média do país, atingindo, aos domingos, a marca de dois milhões de exemplares. Essa liderança foi mantida na década seguinte. Em 2015, atinge a marca de terceiro jornal que mais circula, com uma média de 189 mil exemplares diários³⁵.

De volta à reportagem, para além da crise na ciência, a crise econômica do país é usada na entrevista pelo jornalista, que questiona a cientista se ela se mudaria para o exterior caso a crise não existisse. A pergunta foi: “Sem a crise econômica atual, a sra. acha que teria saído do Brasil mesmo assim?” (FOLHA DE S. PAULO, 2016, p.B10). Suzana responde que o contexto de colapso econômico teria sido o “estopim” que facilitou a negociação do lado dos Estados Unidos. Usar o cenário da economia brasileira como referência para construir perguntas pode estar relacionado ao poder e ao estado da cultura, anteriormente citados em Kellner (2001).

Outra reportagem do terceiro grupo das análises é “Sem verba, neurocientista renomada pode ter seus trabalhos paralisados”³⁶, que aparece na seção “Sociedade” do O Globo. Na página do jornal, o texto da notícia está posicionado abaixo de uma entrevista com o reitor da UFRJ, Roberto Leher, que aponta para os cortes sofridos pela universidade. No topo da página, está o subtítulo “Crise no ensino superior”. A escolha de organização da página do jornal também é um objeto de análise (HERNANDES,

³⁴Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em: 13/06/2018.

³⁵Dado da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 22/06/2018.

³⁶Notícia do jornal O Globo, retirada do acervo online. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=suzana+herculano>>. Acesso em: 30/05/2018.

2006), já que depende de certa hierarquização de informações por parte do jornalista que assina a matéria, ou do seu editor.

Falando do contexto do O Globo, é um jornal carioca inicialmente vespertino, mais tarde matutino, fundado por Irineu Marinho em 29 de julho de 1925. De acordo com dados do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro³⁷, em seu primeiro número, O Globo traçava as diretrizes pelas quais pretendia pautar sua atuação. Irineu Marinho teria apontado como diretriz do jornal, dentre outras, a defesa das causas populares. Em 2008, esse produto era o segundo jornal de maior circulação diária do país, com média de 293 mil exemplares por dia. Em 2015, manteve a posição do segundo lugar, com uma marca de 193 mil por dia³⁸.

Retomando o texto da notícia, há a informação de que a pesquisadora acabara de publicar um estudo em uma revista internacional, porém isso não estaria sendo comemorado por ela, que estaria vivendo uma espécie de crise naquele momento. É isso que se lê no trecho: “A pesquisa foi divulgada na *Science*, uma das principais revistas científicas do mundo. O feito é digno de comemoração para qualquer pesquisador. Ela [Suzana], no entanto, contou que vive um drama: corre o risco de ver os trabalhos no laboratório que chefia paralisados por falta de recursos” (O GLOBO, 2015, p.24). Aqui, o acontecimento sair do país por causa de trabalhos paralisados parece ser priorizado.

Tal acontecimento poderia ser identificado como o conflito, definido por Motta (2010) como o elemento estruturador da narrativa jornalística. Para o autor, em seu texto sobre análise pragmática jornalística, o conflito é um tipo de ruptura ou descontinuidade, que abre espaço para que surjam novas sequências e episódios dentro de uma narrativa. “É, portanto, uma situação dramática desde o início, um conflito ou situação-problema que desestabiliza, rompe o equilíbrio, traz ambiguidades” (MOTTA, 2010, p.149). Esse rompimento de Suzana com a ciência brasileira pode ser enquadrado neste caso, já que gera um tipo de discurso de crise ou estopim de um problema nas notícias em que aparece.

Na análise narrativa jornalística é particularmente importante identificar e analisar a funcionalidade dos episódios de suspense que deixam significados suspensos, retardam a conclusão da história, aumentam a tensão e as expectativas do leitor ou ouvinte. (MOTTA, 2010, p.151).

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de narrativas comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e opções

³⁷Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em: 13/06/2018.

³⁸Dado da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 22/06/2018.

(modos) linguísticas e extralinguísticas para realizar certas intenções e objetivos, segundo Motta (2010). Usando a entrevista anterior como exemplo, de acordo com o que explica o autor, a mídia estaria carregada de narrativas, que são organizadas de maneira não aleatória. Essas narrativas produzem certos efeitos – que podem ser ou não desejados. Sendo assim, as narrações são formas de exercício de poder e hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação.

Na capa do jornal O Globo em maio de 2016 lê-se, no canto, uma das manchetes: “Sem apoio, cientista vai para os EUA”. A chamada faz referência à entrevista dentro da edição, que leva o título de “É ilógico o Brasil se colocar na elite da ciência”³⁹. No texto, Suzana conta detalhadamente os motivos pelos quais desistiu de trabalhar nos laboratórios nacionais. A cientista afirma que não há nenhum motivo que a faça ficar no país, já que recebeu a oferta de boas oportunidades na *Vanderbilt University*, nos Estados Unidos. Ela pontua, mais de uma vez, que a ciência brasileira não funciona, em contraste com a ciência que é feita em outros países. Durante a entrevista, ela usa expressões como “desestímulo”, “heresia” e “condições degradantes”.

As perguntas que são feitas pelo jornalista fazem parte da construção de sentido da reportagem. Um exemplo é: “A senhora acredita que a crise econômica e a falta de financiamento para pesquisas provocarão uma saída em massa de cientistas do país?” (O GLOBO, 2016, p.1). O jornalista que escolhe as questões e, depois, monta a ordem em que irão aparecer no texto da notícia, não consegue deixar de eleger um acontecimento a partir de uma ideologia, como destaca Hernandez (2006). Essa característica, de acordo com o autor, é inerente de qualquer jornalista, por mais cuidadoso que seja.

Por mais que haja uma tentativa de manter certa neutralidade nos textos jornalísticos, é preciso destacar que a primeira ingenuidade que a análise dos noticiários elimina é a de que a ideologia se encontra apenas na parte dos editoriais e a segunda é a possibilidade de um jornalismo “isento” (HERNANDES, 2006). Para ler produtos da mídia, como os anteriormente analisados, deve-se estar atento para os objetivos e ideologias vinculados a determinados discursos e narrativas.

³⁹Notícia do jornal O Globo, retirada do acervo online. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=suzana+herculano>>. Acesso em: 30/05/2018.

A comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas. Pressupõe também uma retórica que realiza a finalidade desejada. Implica a competência e a utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas. (MOTTA, 2010, p.144).

De toda forma, o caso da cientista Suzana é um dentre os muitos casos de cientistas que podem ter sua trajetória analisada em produtos da mídia tradicional. Esta trajetória tem muito a dizer sobre a forma como essas mulheres são representadas. É possível, portanto, conhecer exemplos de outras cientistas que também aparecem em notícias dos jornais analisados neste trabalho.

3.3. O caso Joana D’Arc Félix

Ainda no contexto de cientistas que aparecem em jornais de grande circulação, outro caso que ficou em destaque na imprensa foi o de Joana D’Arc Félix de Sousa⁴⁰, química paulista de 53 anos. Ela acumula mais 80 prêmios em sua carreira, de acordo com informações dadas ao prêmio “Para Mulheres na Ciência”⁴¹, da L’Oréal Brasil. Em entrevista⁴² ao portal da premiação, ela afirmou que, apesar da competitividade e das dificuldades, “hoje em dia já não é incomum ver nomes de mulheres vinculados a importantes descobertas científicas.” (PARA MULHERES NA CIÊNCIA, 2018).

Nesse sentido, é o seu rosto que estampa notícias em portais online, revistas e outros veículos como uma das cientistas mais premiadas da atualidade. No jornal O Globo, ela surge nas notícias pela primeira vez quando é indicada ao prêmio “Faz Diferença 2017”⁴³, no ano de 2016, para concorrer na categoria “Personalidade do Ano” por suas contribuições à ciência. “Morávamos numa casa nos fundos do curtume em que meu pai trabalhava. O químico usava uma roupa branca. Desde pequena, eu era apaixonada por aquele jaleco e dizia: ‘Quero usar um desses’” (O GLOBO, 2018), é o que conta em declaração⁴⁴, quando foi escolhida como ganhadora do prêmio.

Joana desenvolve pesquisas de ponta a partir de resíduos do setor coureiro e tem pós-doutorado na *Harvard University* (ou Harvard), nos Estados Unidos. Ela possui graduação, mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em

⁴⁰Informações retiradas do currículo Lattes. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4782129Z6>>. Acesso em: 25/06/2018.

⁴¹Disponível em: <<https://www.paramulheresnaciencia.com.br/>>. Acesso em: 13/06/2018.

⁴²Disponível em: <<https://www.paramulheresnaciencia.com.br/noticias/cientista-brasileira-phd-em-quimica-por-harvard-supera-preconceito-e-acumula-80-premios-na-carreira/>>. Acesso em: 22/06/2018.

⁴³Disponível em: <<http://eventos.oglobo.globo.com/faz-diferenca-2017/2017/>>. Acesso em: 06/06/2018.

⁴⁴Disponível: <<http://eventos.oglobo.globo.com/faz-diferenca-2017/2017/vencedores/personalidades-2017-joana-darc/>>. Acesso em: 22/06/2018.

São Paulo. Entre seus muitos projetos, está um que visa a produção de couro ecológico, a partir de resíduos da indústria na empresa Ecobras. Por outro lado, atua no desenvolvimento de tecidos para reconstituição de ossos humanos, junto com seus alunos da Escola Técnica Prof. Carmelino Corrêa Júnior, em Franca, município do interior de São Paulo. Também é coordenadora de pesquisa na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Sua trajetória pelas notícias do jornal O Globo – somente nele, já que, a princípio, ela não é noticiada pela Folha de São Paulo – é curta, se comparada à do caso da cientista Suzana Herculano, anteriormente analisado. De acordo com a busca no site do jornal, a primeira matéria sobre ela é do ano de 2016, quando é destacada por sua indicação ao Prêmio Faz Diferença 2017, anteriormente citado. Durante o levantamento, apenas quatro notícias foram encontradas na versão online do veículo.

Aqui, são destacadas apenas três reportagens sobre ela: “De origem humilde, cientista brasileira se tornou PhD em Química”⁴⁵, que é uma entrevista estilo perfil que conta a história da pesquisadora; “Joana D’Arc Félix de Souza, PhD em Química: ‘Reduzi o abismo entre os alunos e a universidade’”⁴⁶, que é uma matéria para que o leitor conheça os indicados a um prêmio em questão; e, por fim, “Prêmio Faz Diferença: Para Joana D’Arc Felix, educação e ciência têm poder de transformar vidas”⁴⁷, que traz a notícia sobre a noite em que Joana recebeu o prêmio e foi selecionada como um dos destaques da noite. Tais reportagens não aparecem no acervo, mas apenas na versão online do jornal.

A partir das análises, é possível pontuar que os textos sobre ela parecem priorizar sua trajetória pessoal, desde criança, até a sua chegada a uma carreira de sucesso em sua área. Mulher negra vinda da periferia, ela estampa notícias nas seções ‘Sociedade’ e ‘País’ do jornal, sem aparecer em seções destinadas à sua área de expertise, de ciência e saúde. Alguns trechos como “relembrando sua trajetória, marcada por muita luta e preconceito” (O GLOBO, 2018), comprovam esta afirmação.

A primeira reportagem selecionada, intitulada “De origem humilde, cientista brasileira se tornou PhD em Química”⁴⁸, é uma entrevista feita com a cientista no ano de

⁴⁵Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/de-origem-humilde-cientista-brasileira-se-tornou-phd-em-quimica-1-21863487>>. Acesso em: 22/06/2018.

⁴⁶Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/joana-darc-felix-de-souza-phd-em-quimica-reduzi-abismo-entre-os-alunos-a-universidade-21824106>>. Acesso em: 22/06/2018.

⁴⁷Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/premio-faz-diferenca-para-joana-darc-felix-educacao-ciencia-tem-poder-de-transformar-vidas-22537029>>. Acesso em: 22/06/2018.

⁴⁸Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/de-origem-humilde-cientista-brasileira-se-tornou-phd-em-quimica-1-21863487>>. Acesso em: 06/06/2018.

2017, que fala sobre sua trajetória como cientista, até a chegada aos Estados Unidos para seu segundo pós-doutorado. No entanto, a maior parte da matéria parece priorizar a sua jornada pessoal, desde a sua infância. No próprio título, a ordem das palavras chama a atenção: o fato de Joana ser humilde se sobrepõe, a princípio, ao fato de ser uma cientista brasileira e ter um PhD. “Essa história surpreendente começou quando Joana tinha apenas 4 anos e acompanhava a mãe, empregada doméstica, ao trabalho” (O GLOBO, 2017), é uma frase que demonstra essa lógica de priorização no texto da notícia.

Logo em seguida, o jornal constrói o lide a partir da descrição de características físicas de Joana. Nas primeiras linhas, o leitor já tem a ideia de que a pesquisadora em questão é “de baixa estatura e aparência frágil” e tem “fala doce e baixinha”. Lê-se em trecho, a apresentação que é feita da cientista: “A fala doce, baixinha e de sotaque carregado já dá a pista. Aquela mulher de aparência frágil, de não muito mais que um metro e meio de altura tem o dom de contornar obstáculos. De família pobre de Franca, no interior de São Paulo, a professora de Química Joana D’Arc Felix de Souza, de 53 anos, estudou em apostilas emprestadas e, muitas vezes, dormiu com fome quando morava em Campinas, onde fez graduação, doutorado e mestrado na Unicamp” (O GLOBO, 2017).

Dentre os diálogos de Joana com a repórter que realizou a entrevista, está: “— Tive a oportunidade de começar a estudar bem cedo porque minha mãe era empregada doméstica — diz ela. Se você procura alguma lógica nessa frase, esqueça. Poucas coisas na vida de Joana seguem o rumo ‘esperado’” (O GLOBO, 2017). Nesta parte, a vivência da mãe de Joana como empregada parece ser destacada como algo importante a ser contado. Além disso, a repórter faz questão de enfatizar que nada é “esperado” na vida de Joana.

Ao longo do texto há um certo contraste entre a suposta fragilidade física e a trajetória pessoal da pesquisadora: sua vida parece ser contada como uma história de superação. O uso de termos como “obstáculos”, “família pobre”, “apostila emprestada” e “fome”, podem justificar essa afirmação. Além disso, a frase “a vida lhe pregou uma peça”, se referindo à trajetória da cientista, também parece sustentar a ideia de superação. Há uma infinidade de recursos e de figuras utilizadas na linguagem jornalística (MOTTA, 2010) que remetem o leitor a interpretações subjetivas.

Pensando nisso, de acordo com Motta (2010), estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos, utilizados pelos repórteres e editores, capazes de

revelar o uso intencional de recursos linguísticos na comunicação para produzir efeitos. Para o autor, que faz uma análise pragmática da linguagem dos jornais, este efeito pode ser tanto do “real”, numa tentativa de se aproximar com a realidade dos fatos, quanto um efeito poético. No segundo caso, esta seria uma das estratégias de induzir os leitores a certos tipos e graus de comoção.

A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária. Intencionalmente ou não, geram nos leitores inúmeros efeitos de sentido emocionais. (MOTTA, 2010, p.160).

Tais recursos são, muitas vezes, usados pelos jornais, como parece ser o caso da reportagem sobre Joana anteriormente citada. Por exemplo, no trecho “Eu guardava o pãozinho para ser o meu jantar. Às sextas, pedia mais pães para o fim de semana. Eu via as meninas comprando sorvete e pensava: ‘Um dia, eu também vou conseguir’”, é possível identificar certa dramatização na hora de contar a história da cientista. Ainda segundo Motta (2010), os jornais promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e geram a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. É como se a comoção, de certa forma, aproximasse o leitor não só da narrativa, mas do personagem que é construído por ela.

Isso lembra o fato de que no jornalismo as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias. “É importante lembrar que, mesmo na narrativa realista do jornalismo, as personagens são figuras de papel, ainda que tenham correspondentes na realidade histórica. As notícias constroem personagens, conflitos, heróis, vilões, mocinhos” (MOTTA, 2010, p.152). Isso quer dizer que, de certa forma, Joana pode estar sendo utilizada como uma “heroína”, que teria superado os obstáculos da vida e atingido uma carreira de sucesso.

Ainda no diálogo da mesma entrevista, há o trecho: “— Passei fome, mas decidi que ia vencer pelos estudos. Meu pai sempre dizia: para atingir seus objetivos, tem que passar pelo sacrifício. A gente que não nasceu em berço de ouro tem que arregaçar as mangas. Se você desistir, nunca vai chegar lá — E ela chegou”. A ideia de “vencer pelos estudos” e de “sacrifício” podem sustentar, de certa forma, essa ideia de heroísmo.

Enquanto conta a trajetória de vida da cientista, a notícia vai mostrando também suas conquistas nos estudos e na carreira de ciência. Há relatos sobre o início de seus estudos, a conclusão do Ensino Médio, as pessoas que lhe ofereceram oportunidades no caminho. Um trecho de exemplo é: “Joana escolheu a Unicamp, em Campinas. (...) O dinheiro era contado para o transporte e uma refeição ao dia no bandeirão da universidade”

(O GLOBO, 2017). Mesmo neste caso, observa-se, ainda, a opção do jornal em abordar os aspectos pessoais da vida de Joana na universidade, como seu meio de transporte e alimentação no campus.

Em outra reportagem selecionada, um dos assuntos abordados é a saída da pesquisadora do Brasil e a sua ida para Harvard, nos Estados Unidos, para dar continuidade aos estudos. A notícia, também de 2017, intitulada “Joana D’Arc Félix de Souza, PhD em Química: ‘Reduzi o abismo entre os alunos e a universidade’”⁴⁹, fala um pouco sobre o tempo que ela passou no exterior. Por exemplo, ela é questionada com “como foi sair de um laboratório de Harvard para o de uma escola técnica?”, e responde que “no início, foi um choque. Mas pensei: tenho que inovar. Levei a iniciação científica que existe na universidade para a escola técnica” (O GLOBO, 2017). De certa forma, o jornal parece marcar uma discrepância entre a experiência da cientista com a pesquisa brasileira e a estadunidense.

Em seguida, Joana fala sobre o programa que desenvolveu, em São Paulo, para estudantes que têm interesse em cursar Química, como ela. Ela atenta para o fato de a maioria ser de baixa renda. No texto da notícia, isso pode ser observado no trecho: “‘Meus alunos são como eu, de baixa renda, muitos não sabem o que é um vestibular e veem um abismo entre eles e a universidade. Eu reduzi esse abismo’, orgulha-se a pesquisadora” (O GLOBO, 2017).

Quando questionada sobre como optou pela carreira escolhida, a resposta remete à sua infância. “O químico do curtume em que meu pai trabalhava usava um jaleco branco. Desde pequena, eu era apaixonada por aquele jaleco e dizia: ‘Quero usar um desses’. Minha mãe me levava com ela para o trabalho como doméstica. Para eu ficar quietinha, me ensinou a ler o jornal da casa” (O GLOBO, 2017), é o que é dito na reportagem.

Mais uma vez, há o que Motta (2010) chama de atribuição dos papéis dos personagens. Segundo ele, na narrativa jornalística há sempre uma relação íntima entre personagens e pessoas físicas, porque personagens representam pessoas reais. Mas, ao realizar análises, não interessa o que a pessoa deixou ou não de fazer na vida real. Interessa, sim, de que forma a narrativa jornalística construiu certa imagem da pessoa e o que a personagem fez no transcorrer desta narrativa.

Deve-se, portanto, evitar a análise psicológica ou social da personagem e concentrar as observações de sua representação como figura do discurso jornalístico, observar como o narrador imprime no texto marcas com as quais

⁴⁹Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/joana-darc-felix-de-souza-phd-em-quimica-reduzi-abismo-entre-os-alunos-a-universidade-21824106>>. Acesso em: 06/06/2018.

pretende construir a personagem na mente dos leitores/ouvintes. (MOTTA, 2010, p.152).

Essa construção da personagem pode ser aplicada ainda no topo da reportagem, antes de se iniciarem as perguntas, onde o seguinte trecho encontra-se em destaque: “Sou de família pobre, de Franca. Meu pai trabalhava num curtume e minha mãe era empregada doméstica. Vi nos estudos o caminho para vencer e realizar o sonho de fazer Química. Fiz graduação, mestrado e doutorado na Unicamp. Sou PhD pela Universidade de Harvard e tenho 15 patentes registradas” (O GLOBO, 2017). Dessa forma, o papel do jornal não se limita a descrever pessoas que existem na vida real, mas sim de apresentar o personagem como uma interpretação e uma construção (MOTTA, 2010), em vez de uma ilusão referencial, destinada a abolir a consciência da mediação jornalística.

Já a terceira reportagem, que data de 2018, leva o título de “Prêmio Faz Diferença: Para Joana D'Arc Felix, educação e ciência têm poder de transformar vidas”⁵⁰. Ela apresenta a cientista como o grande destaque do ano, tendo levado o prêmio de “Personalidade do Ano” por suas conquistas para a o mundo da ciência. Logo no início da notícia, há as informações de que ela foi homenageada durante a cerimônia de entrega do prêmio e que aproveitou para tratar, em seu discurso, sobre o racismo que sofreu ao longo da construção de sua carreira.

A cientista relata que sofreu discriminação na escola, como se lê no trecho: “Conheci o racismo ainda muito nova, quando ouvi de um professor que eu não seria nada na vida. Naquele momento pensei em desistir, mas meu pai me disse que eu deveria ser maior que aquilo — recorda Joana, que recebeu o troféu das mãos do diretor-geral de mídia impressa do Grupo Globo, Fred Kachar, e do diretor de redação do Globo, Alan Gripp” (O GLOBO, 2018). Além disso, também comenta episódios de racismo que viveu quando morou fora do país. No entanto, é possível notar que o racismo não é um tema tão discutido nas reportagens: o que se apresenta, por exemplo, nesse caso, é a superação. Como, a partir de uma saga individual e heroica, ela superou esse os obstáculos impostos durante a sua vida.

“Nas poucas vezes que saí de casa para ir a uma lanchonete, fui tratada pela atendente como se não existisse por ser negra. Ela sequer me olhou e serviu meus dois

⁵⁰Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/premio-faz-diferenca-para-joana-darc-felix-educacao-ciencia-tem-poder-de-transformar-vidas-22537029>>. Acesso em: 06/06/2018.

colegas na mesa — lembrou em seu discurso de agradecimento, contando que sabia das dificuldades que enfrentaria” (O GLOBO, 2018), é o que se lê em trecho da reportagem.

Ao tratar da história de Joana, o jornal também seleciona informações como a relação da cientista com seus alunos da escola técnica em que leciona. “Joana hoje se dedica a ensinar jovens que, como ela, passaram por dificuldades financeiras e enfrentaram o preconceito. E serve de exemplo. Ouviu de um pai que sua filha deixou de ser prostituta graças às aulas; outra mãe contou que o filho largou a vida de traficante” (O GLOBO, 2018). Isso também reforça o perfil da superação da cientista, que serve de exemplo a ser seguido por seus alunos que têm condições sociais parecidas com as que ela tinha em sua infância.

Por outro lado, uma característica que pode, sim, ser identificada ao realizar as análises das notícias sobre a cientista Joana D’Arc é um tipo de silenciamento. Entende-se por silenciamento aquela informação (ou, no caso, a ausência dela) que, de certa forma, deixa de ser falada ou não aparece, por determinados motivos. De acordo com Pollak (1989), autor que traça uma relação entre memória e esquecimento, o silêncio é um produto da dinâmica da memória, que se estabelece entre o ato de lembrar e esquecer. Ao levantar questões de memória e história, ele afirma que o silêncio possui questões muito complexas.

Para poder relatar os seus sofrimentos, por exemplo, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta (POLLAK, 1989). Muitas das informações da história são, de certa forma, lembrança proibidas ou assuntos zelados e “indizíveis” sendo, em alguns casos, guardadas em estruturas de comunicação. Essas informações, de acordo com o autor, existem nas sombras, nos silêncios e no “não dizer”. Isso pode ser, de certa forma, aplicado no caso do levantamento de reportagens que foi feito.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. (POLLAK, 1989, p.8).

No caso da cientista Joana, por ela ser pouco noticiada – e, no entanto, aparecer ligada a uma narrativa de superação focada em sua origem pobre – observa-se o “silêncio” nesse sentido. Ou seja, essa falta de aparição também pode ser traduzida, de certa forma,

como informação. Foucault (2014), em sua obra sobre a existência e as várias facetas do discurso, assinala a exclusão como um princípio de nossa sociedade.

Há aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não acolhida, não tendo verdade ou importância (FOUCAULT, 2014). De acordo com o autor, existem procedimentos que permitem o controle dos discursos, os quais tratariam de determinar certas condições para o seu funcionamento e de impor algumas regras aos indivíduos que os pronunciam – isso é, não permitir que todos tenham o mesmo acesso ao discurso. Ou seja, ele parece afirmar que há um tipo de seleção do discurso, como o mesmo não oferecesse oportunidades iguais a todos os sujeitos de falar.

Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos eostas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2014, p. 35).

Após dizer que uma das coerções do discurso é selecionar os sujeitos que falam, ele aponta para a exclusão como um dos conjuntos de funções que ele identifica ao analisar os discursos. É importante lembrar, para tanto, que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2014, p. 50). Ao trazer essa ideia para a análise das reportagens sobre a cientista Joana, é possível notar certa exclusão do seu discurso, dentro do espaço dos produtos jornalísticos analisados. Como sujeito, lhe é dado pouco espaço de fala e notoriedade nesses espaços, o que poderia encaixá-la nesse sistema de exclusão.

Após analisar todas as reportagens e compará-las para este trabalho, nos parece que a experiência de representação da cientista Joana nas notícias dos jornais é diferente do caso da outra cientista analisada, no capítulo anterior. Uma possibilidade seria que, por ser uma mulher negra, ela pode destoar do estereótipo que parece ser criado pelos jornais, o que a leva a ganhar uma certa narrativa própria de exceção. Aí está o ideal de superação identificado em alguns trechos de reportagens analisados.

Ao tratar das reportagens analisadas, pode-se levantar a questão da construção de identidade na mídia. Segundo Alakija (2012), jornalista brasileira de descendência nigeriana que estuda identidade negra na mídia, entende-se que um processo de construção de identidade de um povo se dá através de aparelhos sociais, os quais incluem a comunicação. Nesse caso, os grandes veículos informativos poderiam ser considerados agentes fundamentais na alteração do comportamento, interferindo inclusive no próprio

processo de emergência da identidade. Essa identidade, no caso, étnica, estaria referindo-se ao uso que alguém faz de termos raciais, nacionais ou religiosos com o objetivo de se identificar (OLIVEIRA apud ALAKIJA, 2012) e, assim, poder criar relações com outros.

O ato ou efeito de identificar-se implica no reconhecimento, em si próprio, de algo que se percebe em alguém (e vice-versa), funcionando esses aparelhos como espelhos refletores da sua imagem e semelhança. (ALAKIJA, 2012, p.118).

Assim, pode-se até mesmo dizer que Joana parece transformar, com a sua imagem de cientista, o que se espera da representação de cientistas em certos veículos midiáticos. Indo além de uma questão puramente feminista de mais mulheres na ciência, ela levanta a questão étnica, que também deve ser minuciosamente analisada e estudada, de acordo com suas peculiaridades.

De certa forma, é possível afirmar que as trajetórias das cientistas até aqui analisadas guardam semelhanças e diferenças entre si. A forma como elas são (ou, no caso de Joana, quase não são) representadas por veículos jornalísticos da imprensa tradicional podem ter muito a dizer, tanto sobre a imagem da profissão cientista que está sendo transmitida para a sociedade, quanto da imagem das mulheres construída pela imprensa. Para tanto, é preciso aprofundar tais análises, para compreender as raízes e motivações das escolhas de representação feita pelos jornais.

4. CONCLUSÃO

Como foi visto neste trabalho, falar sobre a presença das mulheres na ciência é, ao mesmo tempo, enaltecer as conquistas realizadas nesse campo até os dias de hoje e indicar os desafios que ainda limitam o acesso pleno dessas mulheres à produção do conhecimento científico. Já há dados positivos a serem comemorados, como o aumento da proporção de mulheres que publicam artigos científicos no Brasil, que cresceu 11% nos últimos 20 anos. Em contrapartida, docentes do sexo feminino aparentemente encontram mais barreiras que os homens, por exemplo, para acumular capital científico e avançar em suas carreiras acadêmicas.

Há uma gama de estudiosos que vêm, cada vez mais, estudando e mapeando campos de pesquisa sobre mulheres cientistas e as particularidades desse grupo, reconhecendo a importância do tema. Na literatura, existem questionamentos pontuais como a existência de aspectos de gênero nos métodos adotados pela ciência ou características que limitariam ou facilitariam a aptidão de pessoas do sexo feminino para atividades do mundo da ciência. Mas também há linhas de pesquisa que cuidam de reconhecer e destacar o trabalho de cientistas da história que deixaram suas marcas e muito contribuíram para a produção científica.

Uma das maneiras de perceber o espaço que é ocupado pela mulher cientista na sociedade brasileira, é desvendando como ela é representada por veículos da imprensa brasileira. Isso porque eles são espaços de legitimados de representação da realidade. Dessa forma, ao lançarmos um olhar sobre as cientistas hoje através dos jornais, é possível compreender de que forma elas são interpretadas e acabam ganhando contornos específicos. Através deste trabalho, buscou-se questionar que contornos são esses e quem são algumas dessas mulheres que aparecem na mídia. E, além disso, entender como essas mulheres são interpretadas e descritas por determinados produtos da imprensa tradicional.

Uma possibilidade de se fazer tais análises é a partir de estudos de caso, como foi feito com as cientistas Suzana Herculano-Houzel, neurocientista do Rio de Janeiro, e Joana D'Arc Félix, química do interior de São Paulo. Ambas escolhidas graças aos seus destaques, em momentos e por motivos diferentes, em produtos da imprensa. Usando esses exemplos de casos, houve a possibilidade de pensar a mulher cientista como uma imagem, de certa forma, também construída pela imprensa. O que esses produtos têm a dizer sobre elas? Através do levantamento das 12 reportagens aqui descritas, retiradas dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo, alguns pontos podem ser destacados.

As reportagens sobre a primeira cientista, Suzana, têm trajetórias diferentes entre si: algumas parecem optar por relacionar sua expertise em neurociências com assuntos mais ligados a “assuntos do universo feminino”, como sexo, romance e outras temáticas nesse sentido. Já em um segundo grupo, as notícias tratam de pesquisas e questões ligadas a ciência, saúde e bem-estar. Elas aparecem principalmente nas seções “Ciência” e “Saúde”, do O Globo, e “Ciência + saúde” e “Equilíbrio”, da Folha de S. Paulo, que é, a princípio, o que se espera de notícias relacionadas a pessoas ligadas à produção de conhecimento científico.

Por fim, o terceiro grupo de notícias sobre ela, que abordam o anúncio da cientista sobre sua saída do Brasil – e são apontados, neste trabalho, como sendo fruto de um acontecimento conhecido como conflito, que foi essencial na mudança de enfoque dos jornais. É possível concluir, portanto, que neste grupo há uma guinada e as reportagens, tanto da Folha quanto do O Globo, parecem migrar para seções como “Sociedade”, “País” ou chegam na primeira página do jornal, em determinados casos. Essa mudança de seções pode significar, de certa forma, uma mudança de interesse de abordagem dessas cientistas pelos jornais, o que transforma, também, a forma como elas estão sendo representadas e os assuntos aos quais estão sendo relacionadas.

Já Joana, a segunda cientista analisada, estampa notícias nas seções “Sociedade” e “País” do jornal O Globo, sem aparecer em seções destinadas à sua área do conhecimento, de ciência e saúde. Mulher negra vinda da periferia, durante o levantamento foi possível observar certas diferenças na narrativa dos jornais ao seu respeito: as reportagens priorizam sua história de vida e trajetória desde a infância, criando uma narrativa de superação, na qual ela é a “vencedora” por percorrer tantos obstáculos.

De certa forma, esses jornais, que tendem a ter uma estrutura conservadora e estão acostumados a ter um tipo de estereótipo de mulher cientista, parecem se surpreender com o fato de uma mulher negra ser bem sucedida nesse meio que, até hoje, é dominado por homens (em sua maioria, brancos). Ainda que essa realidade esteja, aos poucos, mudando. Portanto, de alguma forma, se pensarmos os jornais de grande circulação como veículos que se colocam como espelhos do real – ainda que não o sejam –, eles podem representar o pensamento de parcela da sociedade. A cientista destoa do estereótipo criado pelos próprios jornais e, portanto, parece ganhar uma narrativa própria de exceção.

Para além disso, pode-se identificar um “silêncio” no que tange a trajetória dessa pesquisadora nos jornais. A ausência ou a pouca presença de informação também pode

ter algo a dizer, levando em consideração que o silenciamento é um produto da dinâmica da memória, que se estabelece entre lembrar e esquecer, como foi visto no caso de Joana. Pretendo, se possível, estender essa discussão no meu curso de mestrado.

Durante a produção deste trabalho, ambas as cientistas aqui abordadas foram contatadas para dar entrevistas, com o objetivo de entender como elas mesmas narram a própria vida. No entanto, nenhuma delas retornou as perguntas.

Este trabalho não esgota as reflexões de estudo na área – ao contrário, sua proposta é de trazer a discussão sobre esse movimento de mulheres na ciência, principalmente sobre a forma como produtos da imprensa retratam e constroem a imagem delas. A partir dos dados e informações aqui obtidas, é necessária a complementação da pesquisa na área.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de. et al. *Dicionário histórico- biográfico brasileiro pós-1930*. Editora FGV, CPDOC, Rio de Janeiro, 2001.
- ALAKIJA, Ana. Mídia e identidade negra. In: BORGES, R. C. S; BORGES, R. (orgs.). *Mídia e racismo*. Coleção Negras e Negros, Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, Petrópolis, Rio de Janeiro, 284p., 2012.
- AZEVEDO, Fernando de. et al. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. R. bras. Est. pedag., Brasília, 1984.
- BARBORA, Marialva. Por uma história cultural da imprensa brasileira. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, v.2, n.1, 2008.
- BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). Cadernos Pagu, Campinas, São Paulo, 146p., 1993.
- BERTOLLI FILHO, C. Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-32, 2006.
- BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. Cad. Pesq., São Paulo, 1988.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. Editora Ática, São Paulo, 1986.
- CARVALHO, Vanessa Brasil de; MASSARANI, Luisa. Homens e mulheres cientistas: questões de gênero nas duas principais emissoras televisivas do Brasil. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. [online], v.40, n.1, p.213-232, 2017.
- CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. Cadernos Pagu, Campinas, n.15, p.39-75, 2000.
- COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Fast Design, UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Salvador, 2008.
- FÁVERO, M. L. A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. Educar, Editora UFPR, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola, São Paulo, 2014.
- GUARIZA, Nádia. Feminismo e educação: a caminho da equidade. Núcleo de Estudos de Gênero, UFPR, Paraná, 2017.
- HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques*. Editora Contexto, São Paulo, 2006.
- IGNOTOFSKY, Rachel. *As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo*. Editora Blucher, São Paulo, 128p., 2017.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência?. Cadernos Pagu, n.27, p.13-34, 2006. Publicação original: What impact, if any, has feminism had on science? Journal of Biosciences, v. 29, n.1, p.7-13, 2004.

KELNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Editora da Universidade do Sagrado Coração, São Paulo, 454p., 2001.

LEAL, Tatiane. A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro. Orientador: João Freire Filho. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estudos Avançados, São Paulo, v.17, n.49, 2003.

LOPES, Maria Margaret. 'Aventureiras' nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. Cadernos Pagu, Campinas, n.10, p.345-368, 1998.

MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Lígia M. C. S. *Pioneiras da ciência no Brasil*. SBPC, Rio de Janeiro, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Editora Petrópolis, Rio de Janeiro, p.143-166, 2010.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inc. Soc., Brasília, v.5, n.1, p.68-77, 2011.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, Informação e Memória: apontamentos para debate. In: Fidalgo, Antonio; Serra, Paulo. (Org.). *Jornalismo Online: informação e comunicação online*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p. 75-90, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 1, p.3-15, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. E-papers, Rio de Janeiro, 362p., 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. Revista Estudos Feministas, p.515-540, 2001.

SAMPAIO, Helena. Evolução do ensino superior brasileiro 1808-1990. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista da ciência a uma ciência feminista?. X Encontro da REDOR, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula R. C. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. Revista Labrys, Estudos Feministas, n.10, 2011.

SOUZA, José Geraldo de. Evolução histórica da universidade brasileira: abordagens preliminares. Revista da Faculdade de Educação, PUCCAMP, Campinas, v.1, n.1, p. 42-56, 1996.

VERGARA, Moema de Rezende. As imagens femininas n'O Vulgarizador: público de ciência e mulheres no século XIX. Hist. Cienc. Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl. 0, 2008.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História do Brasil*. Editora Scipione, São Paulo, 1997.

Outras referências

HIDDEN Figures. Direção: Theodore Melfi. Produção: Donna Gigliotti, Peter Chernin, Jenno Topping, Pharrell Williams, Theodore Melfi. Intérpretes: Janelle Monáe, Jim Parsons, Kevin Costner, Kirsten Dunst, Mahershala Ali, Octavia Spencer, Taraji P. Henson. Roteiro: Allison Schroeder e Theodore Melfi. Autor da obra original: Margot Lee Shetterly. Estados Unidos da América: Twentieth Century Fox, 2016. Drama, 126min.